



PUC RIO

"DISCURSOS FEMININO E MASCULINO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA"

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

por

TEREZINHA MENDONÇA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 M539 TESE UC

Título Discursos masculino e feminino : uma análise através da m



Ex.1 PUCB

0114180

BC = PUG

DOAÇÃO

TEREZINHA MENDONÇA

DISCURSOS MASCULINO E FEMININO ,
UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA MÚSICA POPULAR
BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia .

Orientadora: MONIQUE AUGRAS

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1982

14

77959



150
M539
TESE UC
BT-2229-8
PP 1

- A todas as novas mulheres e homens sensíveis, empenhados na procura de um novo encontro.

- Ao meu filho, Pedro, um homem do futuro.

AGRADECIMENTOS

- À Cláudia Rego, pelo despertar deste interesse.
- À CAPES, pelo auxílio financeiro recebido durante parte deste trabalho.
- Ao Dr. Carlos Paes e Barros, pela honestidade e profissionalismo.
- À Monique, pela receptividade e confiança.
- Ao Francisco, pelo auxílio na parte estatística.
- À Susana Prayaz, pelas valiosas idéias.
- Aos meus pais, pela oportunidade de estudar.
- Ao Narciso e à Roxana, pela transformação de meus personagens masculino e feminino.
- Aos meus amigos e companheiros de curso, pela solidariedade.
- E ao Domingo, pelo amor.

R E S U M O

O presente trabalho tem por finalidade estudar, através da análise dos discursos masculino e feminino, as imagens do homem e da mulher, tal como são retratadas na música popular brasileira. Interessa-se também pelas transformações que nelas se processaram no decorrer dos últimos anos.

O discurso é aqui entendido como uma ação social, através da qual se pode depreender as atitudes dos indivíduos em relação a si, ao sexo oposto e à relação entre ambos. O objetivo seria, então, conhecer essas atitudes, expressas através dos estereótipos encontrados nos conteúdos verbais de seus discursos.

Para tal, realizou-se uma pesquisa de campo, utilizando como método a análise de conteúdo. Trabalhou-se sobre uma amostra composta por 90 letras de música de compositores de ambos os sexos, restringindo-se o período histórico às décadas de 30/40 e 70/80.

Concluiu-se pela confirmação de significativas diferenças entre os sexos quanto a determinadas atitudes e, ainda, pela mudança, dentro do período histórico estudado, de muitos dos estereótipos que compõem as imagens masculina e feminina.

A B S T R A C T

The objective of this paper is to study by means of an analysis of male and female speech; the images of men and women as they are shown in Brazilian popular music. The transformation of these images that occurs with the passage of time is also of interest.

Speech is understood here as a social action through which one can deduce the attitudes of individuals in relation to themselves, the opposite sex and the interaction of both.

The objective would be, then, to know these attitudes as expressed by the stereotypes found in the verbal content of their speech.

So, a field of research was created, using analysis of content as method. Work was done with a sample of 90 lyrics by composers of both sexes, specifically from the decades 30 to 40 and 70 to 80.

In conclusion, significant differences between the sexes and these determined attitudes was confirmed. Moreover, there has been change in many of the stereotypes that make up male and female images during the time period studied.

S U M Á R I O

	Pag.
1. INTRODUÇÃO	1
2. POR QUE UMA ANÁLISE DO DISCURSO ?	6
3. CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DE UMA ANÁLISE DO DISCURSO	13
3.1 Análise Estilística	13
3.2 Análise de Conteúdo	18
4. PESQUISA	24
4.1 Sobre a História da Mulher no Brasil	24
4.2 Breve Histórico da M.P.B.	38
4.3 Procedimentos	42
4.4 Apresentação dos Resultados	51
4.5 Comentário dos Resultados	60
5. CONCLUSÃO	98
6. APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

"Quem sabe
O Super homem venha
nos restituir a glória
Mudando como um deus
o curso da história
Por causa da mulher."

(Super homem, a canção - Gilberto Gil)

Durante longos anos de cultura patriarcal, estiveram bem de finidos os critérios delimitadores do feminino e do masculino, de terminando duas diferentes maneiras de ser no mundo. Para citar exemplos do senso comum, poder-se-ia dizer que era esperado do ho mem que fosse ativo, forte, corajoso, combativo, competitivo, sen sato, objetivo, racional e, da mulher, ao contrário, esperava-se uma conduta passiva, frágil, amedrontada, recatada, frívola, pou co objetiva e mais emocional.

Com o desenvolvimento da sociedade industrial e o aumento da demanda de produção, surge a necessidade de se lançar mão do trabalho da mulher fora do lar, e ela se apresenta ao mercado de trabalho, trazendo em seu curriculum toda uma formação para a vida doméstica, estando pois, em princípio, inteiramente desadaptada em relação às novas exigências. Neste sentido, é usada como mão de obra barata, uma espécie de estagiária do mundo do homem.

Paralelamente, ocorre a eclosão do feminismo. Na medida em que se precisou da mulher para ajudar a sustentar o mundo dos homens, abre-se um canal (forçosamente concedido ou arduamente con quistado), através do qual ela pode começar a se expressar, anali sar a sua situação, efetuar denúncias e cobrar um reconhecimento, por parte do homem, de sua nova posição. As mulheres desejavam

igualdade e criticavam a posição de dominação exercida pelo homem.

Enquanto se afastam gradativamente da formação para a vida doméstica e se embrenham no mundo competitivo do trabalho assalariado, vão assimilando, por necessidade de aceitação e reconhecimento, os novos padrões de comportamento deste mundo de que antes tinham somente um longínquo conhecimento.

Nos dias de hoje, é bastante amplo o espaço dedicado, pelos meios de comunicação, à discussão das questões relativas à reestruturação dos papéis masculino e feminino. É grande o número de publicações, programas de rádio e televisão entremeados de publicidade que exploram o mesmo tema. Pode-se encontrar, também, considerável número de letras do cancionário popular e outras diversas manifestações artísticas, que se prestam à elaboração destas mudanças, que se mostraram mais efetivas nas últimas décadas, provocando acentuadas alterações nas relações matrimoniais e familiares.

Em entrevista publicada no caderno de domingo do jornal "O GLOBO" - 3 de janeiro de 1982 - a escritora Betty Friedan, uma das mais expressivas figuras do feminismo norte-americano, fala sobre o que chama de "segunda etapa" do movimento feminista, discutindo os erros e ganhos das lutas feministas pela emancipação, neste seu recente lançamento literário intitulado "second stage". A "chamada" da matéria era a seguinte: "O feminismo em contra-revolução prega uma volta ao lar, com marido e filhos."

Na década de 60, a autora provoca imenso rebuliço com suas idéias sobre emancipação da mulher, apresentadas em seu livro, a "mística feminina", que se tornou importante referência para o feminismo mundial. Eram as hoje conhecidas denúncias sobre a con

dição da mulher, e todo um encaminhamento no sentido de incenti-
vã-la a lutar por igualdade de direitos.

O feminismo, como todo movimento incipiente, precisou radi-
calizar suas posições. Basicamente, partiram para a anulação de
todos os valores até então considerados importantes para as mu-
lheres. Passaram a cobiçar os lugares ocupados pelos homens, na
medida em que estes lugares representavam um tipo de poder ao
qual elas nunca tiveram acesso. Assim, colocavam a carreira pro-
fissional como ponto alto da realização pessoal e repudiavam ab-
solutamente a vida doméstica que era entendida como um "campo de
concentração confortável."

Ao realizar um balanço sobre a situação das mulheres, após
as conquistas do movimento feminista, B. Friedan conclui que: as
mulheres que ficaram em casa cuidando de crianças, sofreram uma
defasagem em relação à nova realidade. Aquelas que trocaram o ca-
samento e filhos pelo trabalho fora do lar, obtendo cargos eleva-
dos e independência financeira não se sentiam realizadas; e aque-
las que tentaram conciliar trabalho e casamento, estavam insatis-
feitas e exaustas. Em suma, as mulheres estão atravessando uma
crise que fez com que Friedan reavaliasse todo o movimento que en-
cabeçou, criticando as atitudes radicais que negavam as necessi-
dades emocionais das mulheres e insistia, na confrontação entre
os sexos, no apego a questões específicas, tais como a luta con-
tra a pornografia e o estupro, refletindo uma "obsessão com o
status de vítima da mulher." Incita as mulheres a mudarem de ati-
tude, iniciando-se uma nova fase que inclui "a aliança com os ho-
mens em busca de apoio, e dá ênfase à necessidade de filhos. Não
casamento, se for esta a vontade da mulher." Friedan diz que não
há vitória para a mulher que escolhe entre realização profissio-

nal ou casamento com filhos, pois uma escolha não substitui a outra, e a falta de realização leva a frustrações." Por outro lado reconhece que "as que tentaram combinar família e carreira descobriram que é exaustivo ser super-mulher, é uma espécie de prisão, nada tem a ver com ser liberada." Fala sobre o desapontamento da nova geração ao descobrir que é impossível conciliar estes dois pontos sem se sentir esgotada e comenta sobre a amargura que vem percebendo em todas as mulheres liberadas:—"observei uma amargura que elas próprias não ousariam admitir. Five a impressão de que, com todas essas oportunidades que nós conseguimos para elas, as mulheres da nova geração se sentem relutantes em apontar que há outras necessidades também: amor, segurança, homens, filhos, famílias, casa."

A autora apresentou-se à entrevista usando batom sombra e adornos, tentando reassegurar às mulheres que "não é ridículo parecer feminina."

Friedan não aponta soluções, delegando-as aos casais. Fala sobre a possibilidade de partilhar os problemas domésticos com homens liberados de preconceitos e sobre a necessidade de transformações legais (licença-maternidade e paternidade, horários de trabalho flexíveis, etc...) que possam ajudar a comportar as mudanças dos últimos anos.

O estudo que será aqui apresentado procurou ser bastante abrangente na observação de todas essas reformulações, utilizando, como fonte de informações, o universo de letras da música popular brasileira.

A entrevista de Frieda dá uma boa dimensão acerca dos conflitos que se organizam em torno da configuração de imagens,

que possam servir de modelo de identificação para homens e mulheres modernos. A ascensão e queda dos estereótipos, o jogo de forças estabelecido entre os sexos no processo de mudança, suas atrações e contradições, serão motivos de pesquisa dentro deste trabalho que pretende, através da análise dos discursos masculino e feminino, trazer alguns esclarecimentos sobre estas questões.

2. POR QUE UMA ANÁLISE DO DISCURSO ?

"A pergunta filosófica pela origem e essência da linguagem é fundamentalmente tão antiga quanto a pergunta pela essência e origem do ser." (Cassirer, 1971, 63). Isto porque, no período do pensamento mítico que precede a filosofia, palavra e coisa encontravam-se, ainda, indiferenciadas. O domínio da palavra implicava no domínio mágico e imediato do objeto e na consequente manipulação de suas propriedades.

Com o início do pensamento filosófico e as primeiras colocações sobre os problemas do conhecimento, surge a necessidade imperiosa de uma filosofia da linguagem. Na medida em que a palavra se diferencia do objeto, ela passa a ser, pelo menos, um agente intermediário entre pensamento e objeto, tornando-se clara a necessidade de especular sobre as relações entre pensamento, linguagem e objeto, assim como sobre as dificuldades implicadas no conhecimento do real.

Desta maneira, desde a antiguidade, as questões sobre o conhecimento se desenvolveram acompanhadas bem de perto por perguntas colocadas pela filosofia da linguagem, e tão entrelaçadas estavam que, freqüentemente, os pressupostos de um domínio estendiam suas influências sobre o outro e vice-versa.

No decorrer deste processo, o "status" da linguagem sofreu inúmeras oscilações, chegando a ser considerado por Hobbes como única fonte de verdade e identificada por Berkeley como toda fonte de erros do espírito humano frente ao conhecimento, como um estorvo do qual deveríamos nos livrar para enxergar a verdade .

Da pretensão racionalista de uma linguagem universal à chamada empirista para as peculiaridades individuais, segue o estudo da linguagem um percurso de inversões dialéticas, atingindo posições de síntese destas polaridades num incessante vir-a-ser que prossegue até os dias de hoje com imenso vigor.

No que se refere à área das ciências humanas, mais especificamente à psicologia, domínio no qual se inscreve a proposta deste trabalho, tem-se a intenção de, inclinando-se sobre o discurso, entendido como linguagem posta em ação, compreender o ser que se enuncia através deste discurso.

Colocando-se dentro de um ponto de vista fenomenológico, a linguagem é aqui entendida como ferramenta utilizada pelo homem para superar a lacuna e as contradições que se colocam entre ele, os outros e os objetos. Através de um conjunto de significações que vem a ser a linguagem, explicita a sua situação e manipula o real.

Neste processo, o homem cria a realidade, na medida em que é ele quem a interpreta e dá significado. Ao mesmo tempo, a consciência do objeto interpretado lhe dá a consciência de alguém que interpreta e, nesta função, ele se reconhece como sujeito. Neste jogo de interrelação, sujeito e objeto se influenciam mutuamente em constante movimento de criação e transformação.

Se o homem cria o mundo, atribuindo-lhe significações de acordo com sua própria ótica, uma análise da descrição do mundo poderia remeter à compreensão do ser que o descreve. O instrumento desta descrição é a linguagem. Partindo do pressupos-

to Heideggeriano, segundo o qual o discurso é o modo de enunciação do ser no mundo, poder-se-ia partir da análise do discurso para compreender as modalidades de relacionamento do sujeito com seu mundo.

Mas não seria aconselhável partir assim, deste pressuposto, sem antes dirigir as atenções sobre uma importante questão, para a qual não existe, ainda hoje, posição de maior unicidade entre os autores que se ocupam da filosofia da linguagem. Tratam-se de duas teses fundamentais que poderiam ser assim nomeadas, dentro da terminologia usada por McDavid e Harari: Relativismo e determinismo linguístico.

Ocorre que existem duas posições filosóficas básicas sobre as relações que se estabelecem entre linguagem e cultura. Por um lado, acredita-se que a linguagem de um povo espelhe a sua cultura - relativismo linguístico. Um dos mais conhecidos estudos utilizados como argumento favorável a esta tese foi realizado por Boas (1938), indicando a grande variedade de palavras para neve, dentro do vocabulário esquimó. Admite-se que, as diversidades de neve expressem significativas diferenças para a vida do esquimó e que, portanto, mereceriam ser nomeadas sob formas distintas. Assim, haveria um nome para "neve que cai", outro para "neve mole no chão", outro para "neve flutuante", e assim por diante. Desta forma, a língua poderia ser vista como expressão de características da cultura. Dentro da mesma sociedade, seguindo-se o mesmo enfoque, observa-se que, as classes sociais ou grupos determinados divergem quanto ao uso da linguagem: *"É bem possível que, essas linguagens características de classe social reflitam diferenças características entre as*

classes sociais, quanto à maneira de pensar." (Kretschfeld, 1969: 341).

O outro polo da questão defende a tese do determinismo linguístico. Há mais de cem anos, von Humboldt sustentava que a estrutura linguística influiu na concepção dos povos sobre o mundo. Sapir, em 1929, deixa clara a sua posição segundo a qual a língua não pode ocupar somente a ingênua função social de comunicação. Entende que ela exerce um poderoso domínio sobre o pensamento, determinando a construção do real:

"Na realidade, o "mundo real" é, em grande parte, inconscientemente construído sobre os hábitos de linguagem do grupo (...) Em grande parte, vemos, ouvimos e temos outras experiências porque os hábitos de linguagem de nossa comunidade predispõe certas escolhas de interpretação" (Sapir, em Kretschfeld, 1969: 343).

Assim, as diferentes denominações para neve, no vocabulário esquimô, permitiriam àqueles que manipulam esta língua discernir entre os vários tipos de neve. O mesmo não aconteceria às pessoas que se utilizam do idioma inglês; estas seriam incapazes de realizar tal distinção, visto que seu vocabulário dispõe somente de uma única palavra indicativa de neve.

Émile Benveniste parece adotar esta mesma posição. Em seu texto intitulado "categorias de pensamento e categorias de língua", aponta para a indissolúvel unidade existente entre pensamento e linguagem. Segundo o autor, a linguagem é mais do que meio de expressão do pensamento: é sua modeladora, na medida em que este somente pode ser apreendido dentro das formas que lhe são conferidas pela linguagem. Separado desta, torna-se uma má

sa indiferenciada. Para ele, pensa-se somente o que se pode falar e corre-se o risco de, no confronto com o objeto, reconhecer nele predicados que correspondem "não a atributos descobertos na coisa, mas a uma classificação que emana da própria língua" (Benveniste, 1976: 72). Exemplifica comentando, como as variações sintáticas na língua grega, em torno da palavra "ser", podem ter sido responsáveis pelo aparecimento da metafísica do "ser": "a estrutura linguística do grego, predispunha a noção de ser a uma vocação fisolôfica" (Benveniste, 1976: 79).

Parece possível, contudo, adotar posição mais dialética. Quando se pensa o homem como prisioneiro das regras linguísticas, corre-se o risco de situá-lo como um ser extremamente impotente. Por outro lado, ignorar o papel determinante da linguagem sobre o pensamento, seria cair na ingenuidade ou na onipotência. Seria talvez mais razoável pensar o problema como interrelações de mútuas influências.

"A paradoxal relação recíproca entre o homem e a sua cultura é tal que o ser humano ao mesmo tempo modela a sua cultura e é modelado por ela. A linguagem como elemento de cultura particularmente significativo, está relacionada com o conhecimento do indivíduo da mesma maneira recíproca. A linguagem é um produto dos hábitos cognitivos do homem mas, ao mesmo tempo, o conhecimento do homem é moldado pela linguagem de que ele se serve"
(McDavid e Harari, 1980: 139).

Esta colocação retoma o que foi dito neste capítulo sobre o jogo de interrelação sujeito-objeto. É a posição que pareceu melhor satisfazer às dúvidas que se apresentaram no desenvolvi-

mento deste trabalho. Ferdinand de Saussure em seu "Curso de linguística geral", também admite claramente a relação recíproca existente entre a história de uma língua e de uma civilização : *"Os costumes duma nação têm repercussão na língua e por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a nação"*. (Saussure, 1977: 29). Especifica, dentre os aspectos etnológicos que se acham associados à língua, as relações com a história política, bem como com instituições de toda espécie: igreja, escola, etc...

Saussure considera que, dentro de certos limites, a língua seja um documento histórico, mas faz restrições aos abusos que autorizam ao estudo das línguas o desvendamento inesgotável de documentos acerca dos povos que as falavam e de sua pré-história. Atenta para fatores que poderiam iludir os estudiosos, como, por exemplo, as incertezas quanto à etimologia, evolução e importação de palavras. Contudo, afirma: *"Isso não quer dizer que não se possam distinguir alguns traços gerais e mesmo certos dados preciosos"* (Saussure, 1977: 264).

Quanto à possibilidade de se encontrarem impressos, na língua de um povo, seus caracteres psicológicos, principalmente no que se refere ao aspecto estrutural da língua, o autor é ainda mais restritivo, preferindo ater-se, nesta questão, ao domínio propriamente linguístico.

"Um procedimento linguístico não está necessariamente determinado por causas psíquicas" (Saussure, 1977: 266). e ainda: *"o caráter psicológico do grupo linguístico pesa pouco diante de um fato como a supressão de uma vogal ou*

uma modificação de acento. (Saussure, 1977: 267).

De qualquer forma, apesar de todas as polêmicas sobre os determinismos linguísticos e culturais, e de todas as divergências acerca da maior ou menor possibilidade de elucidação da cultura através da língua, parece claro, reconhecida a estreita relação entre sujeito pensante, a língua e a cultura, que a utilização do discurso como material de análise possa facilitar a compreensão do sujeito e seu mundo cultural.

3. CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DE UMA ANÁLISE DO DISCURSO

Análise Estilística

Segundo Émile Benveniste, "*É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.*" (Benveniste, 1976: 286).

A linguística estrutural coloca o homem como um animal ca paz de simbolizar, sendo o acesso aos simbolismos linguísticos e sócio-culturais, um caminho necessário para que possa atingir sua condição humana. A partir das infinitas possibilidades que lhe oferece o sistema linguístico, cada ser humano extrai um dis curso próprio e singular, configurando um estilo que o caracte- riza como sujeito e o delimita em sua personalidade. Da mesma forma, cada grupo social teria discurso próprio que o distingui ria de outros grupos, conferindo-lhe uma identidade. A escolha de um estilo linguístico está intimamente ligada com a assimila ção de determinados simbolismos sócio-culturais, e concomitante a esse processo ou em decorrência dele, como postulam os linguis tas, emerge do homem a sua subjetividade.

Baseado nisto pode-se depreender que, o conhecimento do estilo serviria como um dos caminhos através dos quais os propô sitos deste trabalho poderiam se cumprir. A disciplina que se o cupa deste fato de linguística é a estilística e assim sendo, se rão apontados a seguir, em linhas gerais, o seu desenvolvimento histórico, bem como o seu desdobramento nas duas vertentes pre- dominantes do século XX.

A estilística é uma herança da retórica, com a diferença

marcante de que esta apoiava-se em apriores, pressupostos externos ao homem, aos quais ele deveria ser fiel. Isto representa, aliás, uma característica da visão de mundo na antiguidade e na Idade-Média.

Com a modernidade, a realidade absoluta converte-se em criação sempre renovada da experiência e o estudo da linguagem não pode escapar a este novo contexto, onde as regras imutáveis da retórica dão lugar, com o empirismo filosófico acentuando a relação linguagem-pensamento, às diferenças individuais ou estilísticas. Se pensamento e linguagem estão identificados, isto equivale a dizer, dentro de uma perspectiva sensualista, que *"o estilo é o próprio homem"* (Buffon, em Guiraud, 1970: 50), idéia já antecipada por Platão ao afirmar: *"Tal caráter, tal estilo"*. (em Guiraud, 1970: 50).

A estilística pretende ser uma ciência da expressão, e não se restringe ao aspecto individual, mas se dedica também à linguagem dos povos, dos grupos, das classes sociais, acreditando que cada fala expresse a vivência de cada um particularmente e por isto são diferentes, têm estilos diferentes. A idéia do gênio linguístico nacional foi estremamente defendida pelo romantismo alemão do século XIX. W. Von Humboldt comenta: *"... por isto a estrutura das línguas humanas é diferente, na medida em que os povos diferem em seus caracteres espirituais."* (id. *ibid.*: 52).

São também considerados determinantes de estilo as variáveis idade e sexo. *"Recentes estatísticas têm demonstrado que em condições de idade, cultura e classe social idênticas, o vo-*

cabulário das moças é ao mesmo tempo mais limitado e mais concreto que os dos rapazes." (id. ibid.: 80)

Liquidando com o sistema de critérios oferecido pela retórica o linguista corre o risco de cair no outro extremo: o da pura intuição. Relativamente, no século XIX, a linguística tenta se fundar como ciência, apoiando-se nos modelos das ciências naturais. A língua era estudada baseada em seus caracteres físicos e materiais, não havendo lugar para o estilo, fenômeno de natureza bio-psíquico-social, resultante da interação da língua com o pensamento. O lugar de destaque lhe é devolvido pelo novo empirismo.

Em resumo, o que se observa em termos históricos é uma oscilação entre idealismo, de um lado, e positivismo de outro. Isto está bem representado pelas duas escolas que serão citadas adiante e que resultam nas duas vertentes preponderantes do estilismo no século XX: do indivíduo ou genético e da expressão ou descritivo, conforme a classificação de Pierre Guiraud.

A escola idealista alemã é liderada por Vossler e Spitzer e apoiada por psicólogos sensualistas como Wundt e Hugo Schuchardt. O estilo é o elemento criador da linguagem que reflete a originalidade do indivíduo. A linguagem acha-se sob dependência direta dos indivíduos, de seus modos e condições de vida, bem como de seu temperamento, cultura, idade, sexo, etc... Vossler tem uma visão mais histórica, unindo sempre a criação individual aos outros fatos da civilização. Já Spitzer, contemporâneo de Freud, de quem sofreu reconhecidas influências, inclina-se por uma vertente mais pessoal. É o principal representante do estilismo.

lismo genético. O ponto de partida de sua teoria está na concepção de estilo como expressão da personalidade do sujeito. Interessa-se pelas causas que determinam o uso, para cada pessoa, de alguma estrutura linguística particular e de seu funcionamento. Estuda as relações da expressão com o indivíduo ou a coletividade que a cria e a emprega. As críticas que recaem sobre ele detêm-se especialmente em seu método de análise, considerado demasiadamente subjetivo, distanciado da linguística e bastante aproximado ao que se poderia chamar de uma psicanálise estilística.

A escola positivista de Saussure identifica-se à escola alemã quanto à filosofia, mas difere quanto ao método, que é menos intuitivo e mais atrelado aos dados linguísticos. Por este motivo, tem-se recusado a estudar o estilo individual, que considera como ato livre, isolado, original e incommensurável, escapando à observação, à análise e à classificação. Em compensação, tem-se dedicado ao estudo dos estilos coletivos, dos fatos da língua considerados em suas relações com grupos sociais, culturais, nacionais etc...

Bally, sucessor de Saussure na cátedra de linguística geral da universidade de Genebra, é o principal representante da outra vertente, a estilística da expressão, que é mais descritiva e se preocupa em estudar as relações entre forma e pensamento. Bally dedica-se a uma estilística da língua, enquanto que Spitzer realiza uma estilística da palavra. Na prática, contudo, esta separação dificilmente pode ser mantida.

Apesar da divergência metodológica, ambas as vertentes concordam em que o estilo seja o próprio homem, assim como o esti-

lo de um grupo ou classe social seja o próprio grupo ou classe social. Neste sentido, nenhum outro fato de linguagem revelaria melhor o sujeito, criador e criatura, do que o estilo, expressão e consequência das peculiaridades, individuais ou coletivas, que delimitam perfis psicológicos e sociais de indivíduos, grupos, épocas, etc...

Análise do Conteúdo

Outra forma possível para se estudar as transformações ocorridas nos papéis masculino e feminino é oferecido por metodologias próprias e bastante conhecidas em psicologia social. Aí já não se trata de estudar as mudanças estruturais do discurso, nem mesmo as diferenças dialetais existentes entre o modo de falar do homem e da mulher, mas de levantar, através do discurso de ambos, a percepção que têm de si mesmos, do outro e de suas relações mútuas.

Levando-se em conta que a maioria daquilo tradicionalmente considerado como diferença de sexo seria, na verdade, de origem muito menos biológica do que social, e tomando-se também a conhecida idéia de Simone de Beauvoir segundo a qual, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher... é o conjunto da civilização que elabora este produto... que qualificam de feminino", (Beauvoir: 1980, 9) e acreditando-se que o mesmo suceda ao homem, pode-se dizer que, as percepções a respeito das definições sexuais, estão impregnadas de expectativas sociais que vieram se formando ao longo dos anos, consolidando uma série de estereótipos sobre os papéis masculino e feminino.

Seria útil neste momento, introduzir algumas noções básicas de psicologia social que facilitariam a compreensão do assunto dentro desse ponto de vista, bem como esclareceriam a possibilidade de emprego do método de análise de conteúdo para o estudo em questão.

Falou-se no parágrafo anterior sobre os estereótipos, entendendo-se por isto o uso de conceitos inexatos e bastante ge-

neralizados, caracterizando uma situação onde se tem informações ambíguas e incompletas sobre determinado objeto social e, ainda assim, procede-se à formação de juízos abrangendo a totalidade daqueles objetos.

As relações sociais encontram-se bastante permeadas por estes preconceitos, e é certo que, o uso deles, é um componente importante na percepção das pessoas. A base para a formação de um estereótipo encontra sua explicação no conceito de personalidade modal. Ocorre que, o processo de socialização acarreta padrões semelhantes de comportamento para os membros da mesma cultura. Existe, pois, um produto típico de cada cultura, que ocorre com maior frequência, e é a isto que se chama personalidade modal. Como o ambiente socializador é mais ou menos homogêneo, pode-se esperar um certo grau de constância nas características de comportamento de seus membros. A partir daí, precárias informações ou conhecimentos sobre membros de determinada cultura podem ser ampliados gerando uma convicção, ou melhor, um estereótipo sobre a totalidade do grupo.

Estas convicções, de natureza cognitiva, são acompanhadas de elementos afetivos que podem expressar uma tendência favorável ou desfavorável em relação ao objeto social de que se ocupam e isto determina, de certa forma, a qualidade da ação que pode sobrevir desta combinação (cognição-afeto). Se o afeto é positivo, a ação poderá ser de aproximação; se negativo, de evitação por exemplo. Esse esquema descrito acima é o esboço do que se entende, em psicologia social, por atitude, que pode ser definido como: "Sistema duradouro de 3 componentes cen

tralizados num único objeto. Os componentes são:

- 1) as crenças sobre o objeto
- 2) a emoção ligada ao objeto
- 3) disposição para agir diante do objeto.

Dentro desta perspectiva, as ações sociais dos indivíduos refletem suas atitudes.

No caso deste trabalho temos o discurso como uma ação social, através da qual se pode depreender as atitudes dos indivíduos masculinos e femininos, referentes a si, ao sexo oposto e à relação entre ambos. O objetivo seria então conhecer essas atitudes (cognição, sentimento e tendência à ação), expressas através dos estereótipos encontrados nos conteúdos verbais de seus discursos.

Um dos métodos frequentemente utilizados para a realização de estudos deste tipo é o da análise de conteúdo, sobre o qual falaremos a seguir.

O trabalho científico defronta-se continuamente com infindáveis dificuldades, e entre seus conhecidos problemas destaca-se a questão das ideologias.

Parece que o pensamento científico já se mostra bastante consciente a respeito da inutilidade e ineficácia de se tentar extirpar as ideologias em seu processo de construção. A anulação do sujeito que opera sobre a realidade a ser conhecida é

uma ilusão. O ponto de vista fenomenológico sentencia: ser é ser percebido.

A aceitação deste fato parece ser um caminho mais eficaz, na medida em que, a partir daí, trabalha-se com algo conhecido, buscando as melhores formas de se lidar com a situação. A crença na construção de uma ciência absolutamente pura pode conduzir o sujeito a uma realidade falseada por recortes por demais artificiais, ou deixá-lo mergulhado na ilusão, cego ao obstáculo invisível que o faz tropeçar e cair, mais uma vez, em inevitáveis reconstruções projetivas.

O tema deste trabalho encontra-se, sem dúvida, entre aqueles de maior dificuldade no que diz respeito à fuga das reconstruções projetivas. O assunto vem sendo tratado de forma tão apaixonada, que dificilmente se consegue escapar ao terreno das opiniões, e como diz Bachelard: "*a ciência opõe-se radicalmente à opinião... A opinião pensa mal; ela não pensa: ela traduz necessidades em conhecimentos*" (Bachelard, G: *La formation de l'esprit scientifique*, 1970).

O fato é que, o tema da feminilidade e da interrelação masculino-feminino mobiliza a tal ponto os pesquisadores que suas "necessidades" são, no mais das vezes, transformadas em supostas verdades científicas. Para citar um exemplo clarificador, poder-se-ia tomar a já enfadonha questão da superioridade x inferioridade, que era afirmada e negada, por cada uma das partes, segundo suas necessidades de manipulação de um poder. Utilizavam em suas argumentações toda uma herança ideológica, configuradora de preconceitos referentes à bagagem pessoal, período histórico e classe social em que se achavam inseridos, e re-

tomando-se as idéias de Bachelard tem-se que: "*ao candidatar-se à cultura científica o espírito nunca é jovem. É até bastante velho, pois tem a idade de seus preconceitos*". (id *ibid*)

Pretende-se neste trabalho ter em mente esta idéia, bem como tentar manter claro os riscos de se cair no terreno das opiniões. Para tanto decidiu-se lançar mão de um instrumento de trabalho, conhecido como análise do conteúdo, que determine métodos de leitura para os materiais simbólicos a serem estudados. Um método que fosse suscetível de romper as intuições projetivas.

Na opinião de Pierre Ansart, a contribuição essencial das análises de conteúdo volta-se para este ponto metodológico fundamental: "*Sua aplicação constitui uma ruptura epistemológica em relação às intuições projetivas*", (Ansart, 1978: 68) na medida em que determina um conjunto preciso de material, impede a incoerência das escolhas e leva ao questionamento dos critérios de seleção.

Fazer análise de conteúdo é, para Pierre Ansart, "evidenciar as categorias essenciais do pensamento, os esquemas perceptivos, as estruturas que ordenam a linguagem... destacar, não mais por intuição mas por observação metódica, as estruturas permanentes que geram as repetições e que designam, num corpo definido, o invariável das relações... extrair um modelo básico, isto é, o conjunto de regras e das estruturas intelectuais que permitem produzir um discurso politicamente homogêneo". (id. *ibid.*: 69).

O que se deseja encontrar, no que se refere ao tema em questão é, justamente, o que se repete de geração para geração,

o que é invariável e o que está mudando na percepção das pessoas, produzindo novo discurso.

De nenhuma maneira pretende-se ter a ilusão de suprimir as ideologias. Não é o que se deseja e nem mesmo seria possível, mas as conclusões a que se chegarem serão assumidas como fruto do trabalho de um sujeito que se coloca diante do dado e o constrói, utilizando para isto um instrumento (ou procedimento) cuja metodologia satisfaz os requisitos científicos, pretendendo-se contudo que, na transparência dos resultados, o sujeito possa continuar sendo visto.

4. PESQUISA

4.1 Sobre a história da mulher no Brasil

"A história das mulheres foi tão mal contada quanto a dos negros". (Anais Nin, 1980; 10).

As mulheres sempre estiveram à margem da história. Poder-se-ia pensar, na leitura da história convencional, que todos os importantes processos vividos pela humanidade se deram sem aparticipação das mulheres. Poder-se-ia mesmo pensar que elas teriam sido inteiramente dispensáveis, salvo para gerar e educar aqueles que seriam os grandes pensadores que construiriam os caminhos a serem trilhados. O que teria acontecido? Teria sido mesmo tão insignificante o papel ocupado pelas mulheres, tão pouco merecedor de menção, ou a história da mulher seria uma história perdida, a ser recuperada? Segundo June E. Haner, a história da mulher ainda está por ser escrita, e como introdução a seu livro "A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937", faz um breve exame da natureza desse novo campo da história.

Examinando as causas desta ausência da mulher nos relatos históricos, a autora levanta dois importantes aspectos: a natureza da história tradicional e aqueles que a escreveram.

"Os homens, enquanto transmissores tradicionais da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante". (Hahner, 1981: 14)

Como as atividades femininas eram significativamente diferentes das masculinas, não foram percebidas por eles como relevantes. Muito principalmente porque esta história, contada pelos homens, interessa-se vivamente pelas relações de poder, seu exercício e

transmissão, conquistas, grandes feitos e grandes figuras. E a mulher há muito se encontra afastada dessa estrutura de poder. Se a ótica masculina se filtra através da lente do poder, será significativo tudo aquilo que a isto se relacionar e todo o resto estará fora do seu campo de interesse. *"Em vez de perguntar por que a mulher detêm tão poucas realizações de "importância histórica", devemos questionar os padrões que foram e estão sendo utilizados para avaliar o que é efetivamente de significação histórica". (Hahner, 1981: 16).* "Mulheres e homens ocupam posições diferentes na sociedade, e não podemos automaticamente estudar homens e mulheres dentro da mesma estrutura conceitual. Devemos recusar a aplicação, à mulher, de critérios explicitamente masculinos, pois, quando se empregam tais critérios no exame do passado, a mulher desaparece em grande parte, da história." (Id. *ibid*).

Devemos perguntar-nos acerca de que condições permitiram a emergência de uma história da mulher. Parece que, com o desenvolvimento da história econômica e social, o foco das atenções, até então concentrado nas elites e classes superiores, bem como nos grandes acontecimentos públicos, começa a ser dirigido aos grupos marginalizados do poder, aos acontecimentos locais, à vida familiar e cotidiana das pessoas. Neste contexto, já é possível identificar a presença da mulher.

Contudo, escrever a história da mulher partindo de um ponto de vista feminino parece ser uma tarefa que envolve inúmeras dificuldades. June E. Hahner esbarra inicialmente com a questão da conceitualização do feminino e de como desenvolver uma estrutura conceitual útil e válida para o estudo da mulher.

Enquanto correspondente à metade ou maioria da população mundial, as mulheres constituem um grande grupo, que se divide em diferentes classes sociais e ajuda a formar uma série de outros grupos sobre a terra. Esta divisão lhes confere características diferentes, confundindo os estudiosos na tentativa de conceitualização. Verifica-se que "as analogias com minorias ou outros grupos sociais podem aproximar-se da posição das mulheres, mas não conseguem defini-la adequadamente... As mulheres são uma categoria por si próprias" (Id. *ibid*: 18).

Descobrir este ponto de vista feminino é uma das importantes tarefas que se colocam hoje para as mulheres. Diz Anais Nin:

"Estamos mergulhadas numa apaixonante aventura: questionar todas as histórias, estatísticas, autobiografias e biografias e criar nosso próprio modelo. Para tanto, devemos aceitar o que nossa cultura negou durante tanto tempo: a necessidade de introspecção. Só ela trará à tona a mulher escondida em nós.
(Nin, 1981: 15)

Observemos agora, as abordagens encontradas ao se voltar a atenção sobre a história da mulher. Hahner nos aponta para a existência de uma história compensatória ou terapêutica, que procura corrigir a história convencional patriarcal. Esta abordagem se detém sobre mulheres notáveis ou importantes, omitidas pela história tradicional. Se pergunta sobre as mulheres ausentes, quais os seus feitos e realizações. Contudo, esta linha de trabalho procura encontrar, no passado, mulheres que se possam adequar aos padrões de importância traçados pelos homens. É uma história competitiva e melancólica, na medida em que se define

pela falta e procura equiparar as mulheres aos homens, levando em conta os valores masculinos. As mulheres não podem ser definidas, pela ausência do ser masculino, nem podem viver à sombra deste, ou numa melancólica tentativa de ser como ele, mas devem descobrir e expressar o significado de sua feminilidade.

As mulheres precisam ser estudadas "nos seus próprios termos, à luz das atividades que executam e das posições que ocupam em suas próprias sociedades... Pode-se ver a história da mulher como o estudo de sua experiência de vida, atividades, valores, funções, problemas comuns e percepções, como mudaram no tempo entre diversos povos em diferentes lugares" (Id. Ibid: 16) .
"Seria mais importante estudar as obras femininas interessadas nas relações pessoais do que nas lutas de poder através da história." (Nin, 1981: 35).

Uma vez que um dos problemas básicos da mulher é lutar contra o preconceito masculino, este enfoque assume importante papel na história da mulher.

Hahner nos fala sobre a necessidade de se buscar novas metodologias, explorar novas abordagens e fontes de dados. Ao invés de perguntar qual a participação da mulher em tal movimento social ou filosófico, tentar entender que modificações eles operaram sobre as mulheres e suas relações com os homens. Observa por exemplo que durante o renascimento não houve renascença para as mulheres na Europa. Ao contrário, o movimento renascentista abria para o homem o mundo da cultura e o fechava para a mulher, o que serviu para aumentar o desnível cultural entre os sexos. Desta forma, a mulher gozava de melhor posição na Idade Mé

dia, quando a cultura não era tão valorizada. Assim, antes de se perguntar porque não se encontram luzes femininas lançadas sobre o renascimento cabe saber porque o renascimento lançou as mulheres em tamanha escuridão. Trata-se pois, de procurar observar a ambos os sexos dentro dos diversos momentos históricos, verificando as diferentes formas como foram vividos, por cada um deles, cada um desses momentos.

No séc. XIX, as mulheres brasileiras encontravam-se ainda no mais completo obscurantismo e reclusão. A família patriarcal da elite urbana se estruturava em torno do marido autoritário, ao qual estavam submissos escravos, os filhos e a esposa. Esta, imersa numa situação entediante, tornava-se preguiçosa e mau humorada, descarregando sua frustração sobre os escravos. Viajantes estrangeiros observavam o envelhecimento precoce e a gordura das mulheres de classe superior no Rio de Janeiro, que eles atribuíam aos hábitos de reclusão e indolência.

Com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, algumas pequenas transformações se operaram na vida destas mulheres, que passaram a ser vistas em lugares públicos, ao ar livre, em festas, igrejas e teatros.

Na primeira metade deste século, apenas uma mulher pode ser citada como pensadora feminista: Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida em 1809, no Rio Grande do Norte. Foi obrigada a casar-se cedo, mas separou-se do marido e formou nova aliança. Aos 24 anos residindo em Porto Alegre, Nísia enviúva do 2º marido. Muda-se então para o Rio de Janeiro, onde abre uma escola para garantir o sustento dos seus 2 filhos e de sua mãe idosa. Advoga "ma's

educação e uma posição social mais alta para as mulheres, assim como liberdade de religião e a abolição da escravatura" (Hahner, 1981: 30). Seu trabalho feminista se faz através de traduções de livros de feministas estrangeiras e publicações de revistas e artigos em jornais.

A segunda metade do século trouxe mudanças de várias ordens à vida do país. Tínhamos um sistema social fortemente estratificado e nossa economia era totalmente dependente do trabalho escravo. A população era basicamente rural e concentrada na costa. As cidades eram "locais pacatos com ruas lamacentas, transitadas por mulas de carga, porcos e galinhas, embora também servissem como centro social, religioso e de comércio para as áreas vizinhas" (Id Ibid).

Com a importação de tecnologia estrangeira, o desenvolvimento industrial, a melhoria dos meios de transportes e de comunicação, houve um rápido crescimento dos centros urbanos. A concentração da população e da renda dirigiu-se para o sul, onde emergia a economia cafeeira, com um número cada vez maior de trabalhadores assalariados, tanto nas plantações como nas cidades.

Este clima de renovação favorece a algumas mulheres cultas de classe média e alta que, enfastiadas com a vida de futilidades na qual estavam envolvidas, iniciam esparsas tentativas no sentido de abrir alguns canais de comunicação, através dos quais pudessem expor suas idéias em favor de melhorias para as condições de vida das mulheres.

Assim, em 19 de janeiro de 1852, Joana Paula Manso de Noronha, argentina, separada do marido, residente no Rio, edita

nesta mesma cidade, o 1º número de seu periódico intitulado "*o Jornal das Senhoras*", onde afirma sua intenção de trabalhar para "*o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher*" (em Hahner, 1987: 34). Joana falava sobre o progresso e as mudanças sociais que isto trazia em todo o mundo, apelando para a conhecida tendência brasileira de imitar os países colonizadores. Acusava o homem por seu "brutal egoísmo", que fazia com que ele utilizasse a mulher como "sua propriedade".

O Jornal tentava persuadir os homens para que elevassem a posição de suas esposas, de "bonecas ou crianças mimadas" ao status de "anjos", utilizando para isto a imagem da Virgem Maria e sua posição de mãe de Deus. A tentativa era de glorificar a maternidade, colocar a mulher num pedestal, por sua sagrada condição de "mãe dos filhos do Brasil". Com isto, a mulher conseguiria maior influência e poder dentro da família. Ap~~el~~avam principalmente para os interesses pessoais dos homens que queriam seus filhos bem educados, argumentando que, quanto maior cultura e preparo elas tivessem, melhor criariam seus filhos.

Contudo, embora estas idéias tenham contribuído para melhorar a situação da mulher, projetada como símbolo de amor, com qualidades emocionais e espirituais superiores às do homem, fizeram dela uma figura passiva e gentil. Os jornais que se seguiram já não faziam tanta questão do pedestal. Utilizavam o prestígio alcançado para tentar ampliar as fronteiras que limitavam a influência da mulher ao lar. O primeiro passo foi a transformação de boneca para anjo, ultrapassando os limites da cozinha e do quarto para poder figurar na sala como "rainha do lar". O

segundo passo seria a transformação dos portões que conduziam ao mundo, alterando a posição de anjo, símbolo passivo de pureza e bondade, para ser humano igual e ativo. Por esta meta continuaram a lutar aquelas mulheres, obtendo progressos lentos, porém, bastante significativos, como por exemplo, o fato de as mulheres já se sentirem capazes de assinar seus nomes nos jornais que se seguiram, ao contrário do que sucedia com as colaboradoras de "O Jornal das Senhoras", que editavam no anonimato, se omitindo não só para os homens, mas, também, para as próprias mulheres.

Outra estratégia utilizada pelas mulheres de classe superior para ganhar o outro lado dos portões, foi a criação de associações voluntárias de trabalho filantrópico. Atividades como estas tinham colaborado muito, nos Estados Unidos, para libertar as mulheres de classe média e, no Brasil, embora não tenham chegado a ter a mesma penetração, merecem ser citadas como forma de luta. Em todas essas associações femininas brasileiras, algumas francamente abolicionistas, as tarefas realizadas pelas mulheres refletiam a sua situação subordinada na sociedade. Trabalhavam por detrás das cortinas, angariando fundos através de venda de doces e flores, apresentando-se em concertos de piano, colocando-se às portas de igrejas e cemitérios etc... Estes afazeres serviam para reforçar a imagem feminina de nobreza e auto sacrifício. Jamais participavam de debates públicos onde poderiam emitir suas opiniões. Somente a pernambucana Maria Amélia de Queiroz, "enfrentou o ridículo e proferiu palestras públicas sobre a abolição em 1887".

Os jornais foram, sem dúvida, um meio bastante eficaz no movimento de emancipação da mulher brasileira. Muitos deles apa-

reçeram na 2a. metade do século XIX e as editoras insistiam em que fossem lidos pelas mulheres para que elas soubessem seus direitos e obrigações.

Em 1873, Francisca Senhorinha da Motta Diniz publica em Campanha da Princesa, M.G., o 1º número de seu jornal "O Sexo Feminino". Seguiram-se os periódicos intitulados: "O Domingo" (R.R.) Myosotis (Recife), Echo das Damas (RJ). Essas iniciativas eram bastantes isoladas. Não havia intercâmbio ~~entre~~ eles, nem conhecimento dos predecessores.

"O sexo feminino" foi dedicado "à educação, instrução e emancipação da mulher" e Francisca Diniz já realizava uma abordagem bem diferente das anteriores: "Em vez de dirigir-se aos homens, rogando-lhes que mudassem suas atitudes e seu comportamento com relação às mulheres em seu próprio interesse, ou apelando reiteradamente para a imagem da Virgem Maria, como fizera o "Jornal das Senhoras" duas décadas antes, esforçou-se por alertar as mulheres quanto às suas condições, necessidades e potencial. Viu que o inimigo com quem lutavam estava escondido na "ignorância da mulher", "que é defendida pela ciência dos homens". Ela não podia esquecer os males causados pelos homens... mas preferiu atacar a falta de conhecimento e de consciência das mulheres" (Id. Ibid: 52 e 54).

Francisca Diniz já colocava a necessidade de se educar como forma de auto-realização e não somente como meio para bem orientar os filhos. Apregoava que a mulher poderia ser mais eficaz do que o homem para certas carreiras, como o magistério e a medicina, e acreditava firmemente que a dependência econômi

ca determinava a subjugação feminina. Portanto, insistia em que as mulheres procurassem obter cultura e se profissionalizar, de forma a garantir sua própria subsistência e, assim, a sua independência em relação ao homem.

Seu jornal era dos mais incisivos entre os outros e teve momentos de grande penetração na intelectualidade da época. Sa-be-se por ex. que D. Pedro II e sua filha, Princesa Isabel, fizeram uma assinatura de o Sexo Feminino.

Nas décadas de 1880 e 1890, Josefina Alvares de Azevedo provoca polêmica ao questionar o dogma da autoridade masculina na família. *"se nas qualidades da mulher reside a superioridade do casal, porque é que a simples seleção do sexo se há de conceder os atributos de autoridade?"* "A Família". 14 de novembro de 1889 p. 4, em Hahner 1981: 63). Em decorrência disto, colocava-se favorável às leis do divórcio, para que as filhas pudessem se libertar de casamentos onde houvesse prevalecido a vontade do pai e não a sua própria.

Todas as feministas, radicais e moderadas, concordavam sobre a necessidade de instrução para as mulheres. As lutas neste sentido culminaram, em 1879, com a tão desejada permissão, por parte do governo brasileiro, para que elas pudessem, enfim, frequentar as instituições de ensino superior. Esta conquista foi, contudo, uma vitória ilusória, visto que, na prática, muito poucas mulheres puderam se beneficiar dela. Ocorre que os cursos secundários públicos, que gozavam de bom padrão, continuavam fechados às mulheres. Desta forma, as moças se viam obrigadas a arcar com os altíssimos custos de escolas secundárias particulares, para então alcançar a universidade. Na década de 1880, al

gumas jovens foram admitidas no colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro, mas uma mudança de ministério foi suficiente para derrubar a frágil aquisição. Somente no século XX as portas deste Colégio foram definitivamente abertas para o sexo feminino.

O ensino superior para mulheres limitava-se, inicialmente, ao curso de medicina, uma vez que, a área de saúde, assim como a de educação, era considerada como extensão do papel tradicional de criação de filhos. Ainda assim, por se tratar de função mais prestigiada do que a de enfermagem, as primeiras médicas enfrentaram grande hostilidade, e muitas vezes foram expostas ao ridículo, como no caso da peça teatral de grande sucesso, intitulada "As doutoras", de Joaquim José de França Júnior, levada à cena em 1889. A peça narra como a competição profissional entre um casal, ambos médicos, chega quase a destruir o matrimônio. Por fim, a médica ameaçada por excesso de ciúmes em relação ao marido, sucumbe às suas exigências, tem um filho e abdica satisfeita de sua profissão.

Na década de 1880 graduaram-se as primeiras advogadas, e esta profissão, de há muito, servia aos homens como trampolim para a esfera política. Por isto o curso de direito assustava mais aos conservadores do que o de medicina. Só posteriormente, no século XX, as mulheres puderam ampliar sua área de escolha, partindo para os cursos de engenharia, farmácia, odontologia, etc...

Para escândalo geral, em fins de 1880, algumas feministas começam a pedir o direito de voto, vinculando a causa à igualdade da mulher e aos direitos humanos gerais. A resistência masculina baseava-se na concepção de família e nos deveres femininos. Após o término da 1ª. Guerra Mundial, alguns importantes países da Europa concederam o direito de voto às mulheres, o que fez com que se tor

nasse moderno simpatizar com a defesa do sufrágio.

A maior expoente do movimento sufragista foi Bertha Lutz , bióloga graduada pela Sorbonne, que assumiu a liderança da luta, acompanhada inicialmente por militantes também graduadas em escolas de nível superior, defendendo mudanças menos drásticas do que aquelas propostas por Francisca S. da M. Diniz, seguindo o modelo do feminismo americano, por aquela época mais moderado que o europeu.

O movimento brasileiro assumiu relações profundas com organizações sufragistas do exterior, em busca de apoio e reconhecimento. Lentamente foi deixando de ser uma questão das elites femininas para ganhar, já em 1922, a simpatia das trabalhadoras . Não se deve pensar, por isto, que tenha sido um movimento de massas, pois estas mulheres compreendiam apenas um pequeno segmento da população feminina nacional.

Em 1930 cai a República Velha, e Getúlio Vargas, assumindo o poder, decide criar um novo código eleitoral, o que representava uma boa oportunidade para que as mulheres conseguissem a liberação de seu voto.

Em final de agosto, o governo liberou um código provisório, que permitia às mulheres um voto limitado, alcançando somente as solteiras ou viúvas com renda própria, ou as casadas com permissão do marido. A nova onda de protesto terminou por conseguir a alteração deste código que, finalmente, deu lugar ao novo código de 24 de fevereiro de 1932, concedendo às mulheres o direito de voto sob as mesmas condições que os homens.

Perdendo sua bandeira de luta, as mulheres se desarticularam. Poucas delas faziam uso deste direito adquirido, e, em 1937,

com o estabelecimento do Estado Novo, surgiu uma série de restrições ao avanço feminino. As mulheres ficaram excluídas, até 45, da política eleitoral, do serviço diplomático e de cargos em departamentos governamentais. Após anos de árdua batalha, as feministas viram cair por terra o que haviam conquistado. Contudo, em termos de processo histórico mais amplo, seus esforços não foram perdidos, deixando uma marca positiva e facilitadora que ficou como aprendizado para suas sucessoras.

Por este breve histórico pode-se ter uma idéia de como é recente a conquista da mulher brasileira ao direito de "falar" sobre o destino político de seu país. Por outro lado, quão antigas são as denúncias sobre a condição da mulher e do quanto já circularam pelas classes mais favorecidas do Rio de Janeiro. Se continuam válidas nos dias de hoje, principalmente para mulheres de classe baixa, isto não significa que não se possa seguir adiante. Francisca Diniz parece ter percebido isto, já em 1873, quando conclama as mulheres à abolição da ignorância, à tomada de consciência, à conquista de independência econômica, preferindo esta tática, ao invés de unicamente atacar e pedir como haviam feito suas predecessoras.

O tipo de trabalho realizado por Hahner está bem dentro das expectativas proclamadas por Anáís Nin em suas observações sobre o feminismo, quando diz que, *"descobrir e ler escritoras é bem mais importante do que atacar escritores"* (Nin, 1981: 35).

"As mulheres de hoje sofrem terrivelmente por não poderem identificar-se com nenhuma figura heróica de mulher" (Kraft ; Barbara em Nin, 1981: 39).

"Para Barbara, se há tão poucas figuras heróicas de mulheres é porque suas biografias geralmente foram escritas por ho-

mens. Nós mulheres estamos em busca de mulheres que nos dêem força, inspiração e coragem (Id. Ibid.).

Hahner nos brinda com a recuperação de algumas destas figuras, que jamais seriam consideradas suficientemente importantes para serem registradas pela história tradicional.

Viver sem passado, sem heranças, sem memória e sem uma história, deixa as mulheres mergulhadas numa enorme sensação de pobreza e debilidade.

Fica muito difícil ser para o futuro, quando se vive num estado de amnésia, que não permite o conhecimento do ser que foi. Nestes casos, geralmente, a sensação presente é de que não se é nada.

Escrever a história da mulher é, de certa maneira, formar sua identidade. E esta história parece estar espalhada por toda a parte, "variando desde baladas e crônicas de acontecimento memoráveis de famílias até às atas de reuniões de organizações de mulheres" (Hahner, 1981: 20).

Descobrir este outro lado torna a história da humanidade mais completa, e a pessoa humana poderá talvez se enriquecer, se houver uma disposição em conhecer e integrar a perspectiva feminina de ser-no-mundo.

4.2 BREVE HISTÓRICO DA M.P.B. - DETERMINAÇÃO DOS PERÍODOS A SEREM TRABALHADOS

Considerando-se a música popular brasileira como uma das mais expressivas formas de cultura popular de nosso país, optou-se, neste trabalho, pela utilização das letras destas canções, como universo sobre o qual se desenvolveu esta pesquisa de campo, visando analisar os discursos feminino e masculino.

A primeira tarefa que se apresentou foi promovida pela necessidade de se tomar uma perspectiva histórica, com o objetivo de determinar o período que, mais adequadamente, permitisse uma fecunda comparação com a atualidade (décadas de 70 e princípio da de 80).

Seguindo por este caminho, constatou-se que, somente a partir da década de 30 as emissoras de rádio foram efetivamente se tornando veículos de música, permitindo ampla penetração das canções nas diversas camadas da população. As canções de maior sucesso passavam então a representar uma forma expressiva de conhecimento das tendências populares. Os gêneros mais difundidos nas décadas de 30, 40, bem como no começo da de 50, eram o samba e a marcha, fixados num pouco antes de 30 como gêneros de música carnavalesca; o samba foi levado ao meio do ano sob a forma de samba canção, que, já em 40, teve seu ritmo amolengado, originando o bolero. Isto favorecia aos anseios da classe média que, vivendo o período do "Estado Novo", achava-se envolvida com ingênuas expectativas de ascensão social. Geração contemporânea das

"oportunidades da guerra" e dos adventos da moderna indústria, distanciavam-se, por aí, das classes mais baixas que tomavam direção contrária: sincopando o samba de 30, resultam no samba de breque.

O final da década de 50 é marcado pelo início da bossa nova, movimento de notada influência jazzística norte-americana, que tem como origem específica a classe média de cultura universitária. Representava uma reação ao ritmo tradicional do samba, desenvolvido em núcleos urbanos de população predominantemente negra, que, em 40 anos, havia evoluído melodicamente, mas conservado a obediência ao ritmo. Significava também, segundo a opinião de Tinhorão, um sinal de alienação dos jovens da elite urbana em relação às tradições populares; esta alienação seria resultante, em parte, da separação geográfica que gradativamente foi se implantando no Rio de Janeiro - pobres nos morros e zona norte, ricos na zona sul - bem como pela ilusão desenvolvimentista decorrente da importação de tecnologia estrangeira.

Após a vitória do movimento militar de 1964, os compositores de classe média buscaram reconquistar uma integração com o povo, que se revelou impossível, enquanto não passava de uma tentativa de imposição da bossa nova. Verificada esta impossibilidade, os artistas passaram a buscar um resultado musical mais diretamente ligado à realidade da própria classe, revelando-se, assim, uma nova fase da bossa nova, marcada pelos festivais da canção.

Paralelamente, eclodiram as canções de protesto, que atendiam às necessidades da classe média no sentido de se colocar contrária ao rigorismo do regime militar. Esta forma de expres-

são, contudo, conseguiu, talvez, não mais que provocar uma reação das autoridades, culminando no maior endurecimento e repressão por parte dos órgãos de censura.

A interrupção deste processo de criação propiciou a eclosão, em 1968, do movimento denominado Tropicalismo, que realizava um confronto com o legado da bossa nova, e representava uma forma possível de dar continuidade ao processo de desenvolvimento da música popular brasileira.

Com o afrouxamento das tensões no campo político, em meados de 70, abre-se um espaço onde é possível retomar as questões afetivas interpessoais. Os aspectos sociais mais amplos vão lentamente cedendo lugar e passando a conviver com as questões de microrrelações. Observa-se, de certa forma, um reencontro com o romantismo. Os homens voltam a falar de si, de sua posição diante da mulher e de sua visão sobre ela, como que reavaliando seus papéis, neste novo momento.

Da segunda metade da década de setenta, até os nossos dias, acrescenta-se ainda um interessante fenômeno: a invasão feminina no meio musical, quer como cantoras, quer como compositoras. Dentro de um espaço de tempo relativamente pequeno, o crescimento das mulheres, no campo da música popular, atingiu proporções que poderiam superar qualquer tipo de previsão.

As mulheres começam a falar. Têm acesso aos meios de comunicação e são ouvidas. Isto marca um momento realmente novo em toda a história da feminilidade, inclusive na história da música popular brasileira.

Esta situação atual da música popular no Brasil - homens e mulheres falando de si e de suas relações - oferece um denso

material de pesquisa sobre o qual se dirigiu o interesse primordial deste trabalho: conhecer e comparar os discursos dos seres feminino e masculino de hoje com os de ontem.

Após esta breve apreciação histórica, concluiu-se por escolher as décadas de 30 e 40 como períodos históricos indicados à realização de uma análise comparativa. Isto porque, anteriormente, a música não tinha penetração suficiente, pela ausência de meios de comunicação adequados para expressar as tendências populares, avaliadas de acordo com a maior ou menor aceitação das canções por parte do público. Por outro lado, foi visto como a década de 50 já se achava invadida pela maciça influência estrangeira, e conseqüente alienação em relação aos valores mais populares.

4.3 PROCEDIMENTOS

Estabelecido isto, a etapa seguinte desta pesquisa consistiu no levantamento das letras das canções. O primeiro aspecto que ficou claro, ainda por ocasião dos estudos históricos, foi a ausência de compositoras do sexo feminino. Esta lacuna, cujos significados tentaremos abordar posteriormente, estendeu-se, como já foi dito, até meados da década de setenta. Os nomes de maior relevância encontrados até esta época foram ~~o~~ da maestrina e compositora Chiquinha Gonzaga (Final do Século XIX, princípio do XX) que, contudo, não era letrista, Dolores Duran e Maísa, já na década de 1950.

Prosseguiu-se, então, no intuito de coletar letras de compositores do sexo masculino das décadas de 30 e 40. O local que pareceu mais adequado à realização da tarefa foi o Museu da Imagem e do Som. Outros possíveis lugares seriam: Departamento de Censura, Serviço de Proteção dos Direitos Autorais e Gravadoras. Após uma visita ao Museu, constatou-se que, em função de ter sofrido um incêndio, o prédio, no centro da cidade do Rio de Janeiro, estava interditado. Depois de investigar o paradeiro do acervo, verificou-se que havia sido transferido para Niterói e vetado o acesso ao público. Em vista disto, a solução que pareceu mais viável foi partir para os pequenos acervos de pessoas conhecidas, fazendo visitas às casas e coletando, passo a passo, o material desejado, já que, os outros três locais de pesquisa reuniam, também, diversos inconvenientes. Foram utilizadas, ainda, as lojas de discos, em busca de relançamentos das velhas canções.

Para a época atual, o procedimento foi mais ou menos idêntico.

tico, sendo que foram mais intensas as pesquisas em lojas de discos, e acrescentadas as letras de compositores do sexo feminino.

Recolhido um vasto material composto de músicas com relativo sucesso, de temática referida ao homem, à mulher, ou à relação entre ambos, foram sorteados 3 grupos para formarem as amostras a saber:

- a) 30 letras de compositores do sexo masculino
(décadas de 30 e 40)
- b) 30 letras de compositores do sexo masculino
(décadas de 70 e 80)
- c) 30 letras de compositores do sexo feminino
(décadas de 70 e 80)

Decidiu-se realizar uma análise que deixasse à mostra, pelo estudo do uso da língua, as transformações nos papéis masculino e feminino. Pretende-se, com isto, encontrar nas letras das músicas o reflexo destas mudanças. Para tal, foram escolhidas canções de relativo sucesso, uma vez que, a aceitação popular de seus conteúdos é a marca da afinidade com os valores por elas expressos

"Assim, uma série de palavras e expressões usadas pelo "povo", com referência à mulher, mostra o pensamento da cultura brasileira sobre o ser feminino." (Mônica Rector em Leitão: 1981, 9).

O outro caminho apontado para realização de análise linguística, através da estilística, não será tratado neste trabalho. Não serão consideradas, portanto, as mudanças estruturais dos discursos, bem como as diferenças dialetais entre o modo

de falar do homem e da mulher entre si e no decorrer deste século.

Definido isto, o método escolhido para realização da tarefa foi a análise de conteúdo, por ser uma forma de análise linguística bastante adequada quando se deseja inferir aspectos de cultura e mudança cultural.

Dentro desta metodologia, o primeiro passo adotado foi a formulação de categorias, segundo as quais as palavras seriam classificadas. Importante notar que foram tomadas, como unidades de análise, palavras referidas à mulher, ao homem, ou à relação entre ambos. Foram também consideradas as expressões formadas por palavras que, quando separadas, apresentavam outro significado.

O levantamento das categorias é uma parte importante do trabalho e se processou a partir de sucessivas leituras das letras sorteadas, observando-se, a partir daí, as tendências a repetições temáticas. Cada uma destas tendências originava uma categoria. Assim, como foram encontradas diversas palavras referidas à temática da dominação, por exemplo, isto indicava a criação de uma categoria dominador x dominado, dentro da qual as palavras poderiam ser agrupadas. Observe-se que as categorias foram sempre montadas sob a forma de pares antitéticos, com a finalidade de facilitar a comparação dos resultados. Outro aspecto importante a ser acrescentado diz respeito à classificação ter sido feita com auxílio constante de dicionário, permitindo o encaixe mais preciso das palavras às categorias.

Classificadas as 30 primeiras músicas (grupo a), o trabalho foi submetido ao teste dos juizes. Funcionaram como juizes

6 pessoas, escolhidas ao acaso, sendo 3 do sexo masculino e 3 do sexo feminino, todas com nível universitário, na faixa etária compreendida entre 20 e 40 anos. Seis letras foram classificadas pelos seis juizes separadamente. Comparados os resultados, decidiu-se que somente seriam adotadas as categorias que obtiveram acordo total. Foram melhor definidas, também a partir daí, algumas das regras de classificação das palavras.

Logo que se iniciou o trabalho com as músicas do grupo b, emergiram novas categorias, o mesmo ocorrendo em relação ao último grupo, quando só então completou-se o quadro de categorias. Este quadro foi então submetido à apreciação das 6 pessoas que haviam funcionado como juizes e após algumas correções (supressões de categorias que podiam ser englobadas por outras ou divisão de algumas que poderiam ser desmembradas em duas, por exemplo) efetuou-se um recuo até o primeiro grupo que foi novamente classificado, preenchendo-se, desta segunda vez, as novas categorias que haviam surgido. O mesmo recuo foi feito em relação ao segundo grupo, completando-se, assim, a tábua de classificação.

- Critérios de categorização:

Durante o período de classificação, foram surgindo, à medida em que o trabalho avançava, os critérios de categorização que serão expostos a seguir:

19) Somente foram classificadas as palavras que estavam diretamente referidas ao homem, à mulher, ou à relação entre ambos.

ex.: a) "Dizem que a mulher é o sexo frágil

Mas que mentira absurda"

b) "Você porém mentia em todos os ensejos."

No item b, a palavra mentia está claramente referida ao sujeito da frase (você, que no caso é uma mulher) e poderia entrar na categoria "falsa". Já no item a, a palavra mentira não pode ser classificada por não estar claramente referida a ninguém.

- 2) Não foram separadas as palavras que, ligadas, formavam expressões cujos sentidos seriam perdidos diante de tal procedimento.

ex.: "dama do cabaré", "filha da rua", "a casa é sempre sua."

- 3) Quando uma palavra significativa aparecia precedida de negativa, decidiu-se considerá-la, juntamente com o negativo, entrando o conjunto na categoria de significado oposto.

ex.: a) "sem honestidade" - entraria em falso

b) "sem medo", "não foge" - entraria em corajoso.

- 4) Quando a mesma palavra for usada em diferentes sentidos, decidiu-se considerá-los em suas diferenças.

ex.: a) "E aquela escurinha que tu tava dando nela"

(sentido de bater) - entraria em dominador.

b) "Eu te dava tudo que tinha" - (Atitude servil)

- entraria em dominado.

- 5) Na categoria corpo, foram classificadas somente as palavras onde havia conotação de cantar ou exaltar o corpo e suas belezas, ou quando houvesse uma referência explícita de um sexo ao outro. Estas situações pareceram ser as mais significativas em termos do corpo como

objeto de intercâmbio amoroso, e são exemplificadas nos itens (a) e (b).

ex.: a) "Maria, de olhos claros como o dia"

b) "E me agarrei nos teus cabelos
nos teus pelos teu pijama."

c) "... e a minha garganta amor se estreita, se
cala." Não seria classificado.

- 6) Para estabelecer uma diferença que pareceu útil, entre as categorias "emocional" e "alquebrado", ficou estabelecido que, as emoções que denotam cansaço ou abatimento moral, entrariam em "alquebrado", enquanto que, as demais, entrariam em "emocional."

ex.: fatigou-se, desgosto, maltrapilho - "alquebrado"
loucura, apaixonado, amor, desesperar - "emocional".

- 7) As palavras beijar, abraçar, namorar e seus derivados diretos foram considerados como pertencentes à categoria "afetivo", cabendo a classificação de "sexual" somente quando houver indicações mais específicas.

ex.: "cobre de beijos", "beijar o ventre" - categoria sexual.

- 8) Por questões de objetivação, resolveu-se que as categorias ativo e passivo estariam restritas aos casos de pronomes que, seguidos de verbo, indicassem em função do sujeito da frase, atividade ou passividade.

ex.: a) "E vem você me seduzir, me possuir, me infernizar" - passivo: o sujeito que fala, aparece como objeto da ação do verbo.

b) Eu "Te queria sem pressa sem medo"
ativo: o sujeito que fala aparece como sujeito da ação do verbo.

Os verbos não estão, contudo, livres de sofrerem classificação, entrando em outras categorias, quando forem significativos.

assim: seduzir - sexual
possuir - dominadora
infernizar - má
queria - desejante

9) No caso de uma ação ser referida a alguém, mas corresponder ao desejo de outrem, sendo ambos de sexos diferentes, considerou-se para a classificação o alguém a quem está referida a ação e não o desejo.

ex.: "Venha de manso ouvir" - O desejo, no caso, é da mulher, que pede ao homem "que venha de manso" - A ação é referida ao homem, portanto: categoria calma-masculino.

10) Quando uma ação é referida a alguém, resultando em consequência para outrem, sendo ambos de sexos diferentes, considerou-se, para a classificação, o alguém que sofre a consequência.

ex.: Quanto os homens enlouquece

- As mulheres enlouquecem os homens; logo, temos:
homens enlouquecidos.

- categoria emocional masculino -

- 11) Para discriminar os aspectos relativos à casa (domésticos) dos da rua (mundano) foram adotadas as seguintes normas:

Nas categorias "do lar" e "da rua", foram consideradas somente palavras referidas a espaço físico e objetos.

Nas categorias "santo(a)" x "malandro" - "cortesã", foram considerados os comportamentos caseiros ou de rua.

As tarefas domésticas entraram em "trabalho não remunerado".

Ex.: Chinelo, pijama, jantar - do lar
 esquinas, viagens, lá fora - da rua
 chega ao amanhecer, seca o bar - malandro - cortesã
 noivo correto, não sai dos trilhos - santa - santo
 lavar, passar, cozinhar - trabalho não remunerado.

Será apresentada, a seguir, a lista completa das categorias. Tomou-se por base, para delimitar o significado de cada uma delas, as definições encontradas no "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Os casos que poderiam suscitar dúvidas foram esclarecidos acima, nos critérios de categorização.

- 1) Santo(a) x malandro - cortesã
- 2) Ativo(a) x passivo(a)
- 3) Corpo x mente
- 4) Rotina x renovação

- 5) Afetivo x sexual
- 6) Bonito x feio
- 7) Bom x mau
- 8) Só e acompanhado(a)
- 9) Compromissado(a) x descompromissado(a)
- 10) Emocional x racional
- 11) Vaidoso(a) ou luxuoso(a) x sem vaidade ou simples.
- 12) Trabalho remunerado x trabalho doméstico (não remunerado)
- 13) Do lar x da rua
- 14) Falso(a) x sincero(a)
- 15) Corajoso(a) x covarde
- 16) Protetor(a) x protegido(a)
- 17) Desejante x sem desejos
- 18) Alquebrado(a) x vigoroso(a)
- 19) Forte x fraco(a)
- 20) Vital x mortal
- 21) Realidade x fantasia
- 22) Pressa x calma
- 23) Meigo(a) x bruto(a)
- 24) Receptivo(a) x penetrante
- 25) Dominador(a) x dominado(a)
- 26) Dominado(a) x rebelde.

4.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

- Tratamento estatístico: Completada a etapa de classificação, as palavras foram contadas e transformadas em números, sobre os quais foi aplicado tratamento estatístico - testes de Qui-quadrado - para que pudessem ser apontadas as diferenças.

É sabido que a aplicação do Qui-quadrado é encarada com reservas, quando se trata de frequências esperadas menores do que 5. Nestes casos, sua validade é bastante discutível e, para minorar esta deficiência, foi utilizada, nesta pesquisa, a "correção de Yates".

Algumas situações se apresentaram onde carecia de sentido proceder à utilização do Qui-quadrado. Foram estes os casos de categorias onde as frequências observadas, em uma ou mais células, tinham sido iguais a zero. Nestes momentos, foi efetuada transformação dos dados brutos para percentagens, e estes valores apresentados como resultados, por se acreditar que asseguravam uma boa aproximação às probabilidades exatas. Quando as frequências observadas nas quatro células foram menores do que 5, a categoria não foi considerada significativa e quando foram menores ou iguais a 5, considerou-se de significância duvidosa.

Os resultados encontrados serão mostrados nos quadros que se seguem.

AVALIAÇÃO DAS CATEGORIAS QUE SE PRESTARAM

AO USO DO χ^2 .

HOMENS: 30/40

 χ^2

Santo (a) x Malandro Cortês	28,55	Mulheres vistas como santas Homens vistos como malandros
Compromissado (a)	0,44	A diferença não foi significativa
Emocional Racional	0,04	A diferença não foi significativa
Vaidoso (a) s/vaidade	8,1	Mulheres vaidosas e luxuosas Homens sem vaidade e simples
Do Lar x Da Rua	2,2	A diferença não foi significativa
Falso (a) Sincero (a)	8,58	Mulheres falsas Homens sinceros
Vital x Mortal	11,69	Homem-mortal Mulher-vital
Dominador (a) x Dominado (a)	8,43	Homem - Dominado e Dominador Mulher - Dominadora e não dominada
Dominado (a) Rebelde	16,99	Homem - Dominado, Mulher - alguma rebeldia

Teste do χ^2 , (1 gl), significativo ao nível de significância
= 0,05

HOMENS

70/80

 χ^2

Santo (a) Malandro/Cortesã	0,73	A diferença não foi significativa
Ativo (a) Passivo (a)	0,59	A diferença não foi significativa
Rotina x Renovação	2,38	A diferença não foi significativa
Afetivo x Sexual	0,75	A diferença não foi significativa
Compromissado (a) x Descompromissado (a)	0,14	A diferença não foi significativa
Do Lar x Da rua	6,69	Mulheres são do lar Homens são da rua
Corajoso (a) x Covarde	5,89	Homens são mais corajosos que as mulheres Mulheres são mais covardes do que os homens
Protetor (a) x Protegido (a)	14,44	Homens protegidos - postura infantil Mulheres protetoras - postura mais amadurecida
Alquebrado (a) x Vigoroso (a)	19,87	Homens muito alquebrados e pouco vigorosos Mulheres vigorosas e também alquebradas
Dominador (a) x Dominado (a)	11,41	Mulheres muito dominadas e pouco dominadoras Homens dominadores e não dominados
Rebelde x Dominator (a)	2,31	A diferença não foi significativa

Teste do χ^2 , (1 gl), significativo ao nível de significância: 0,05.

MULHERES
70/80 χ^2

Rotina x Renovação	0	A diferença não foi significativa
Afetivo x Sexual	0,06	A diferença não foi significativa
Só x Acompanhado (a)	1,14	A diferença não foi significativa
Compromissado (a) x Descompromissado (a)	0,05	A diferença não foi significativa
Emocional x Racional	0,3	A diferença não foi significativa
Protetor (a) x Protegido (a)	0,03	A diferença não foi significativa
Alquebrado (a) x Vigoroso (a)	1,33	A diferença não foi significativa
Meigo (a) x Bruto (a)	0,06	A diferença não foi significativa
Receptivo (a) x Penetrante	2,71*	Mulheres são muito receptivas e não são penetrantes
Rebelde x Dominado (a)	0,087	A diferença não foi significativa

Teste do χ^2 , (gl = 1), significativo ao nível de significância 0,05

(*) significativo ao nível de significância 0,10

AVALIAÇÃO DAS CATEGORIAS QUE NÃO SE PRESTARAM AO TRATAMENTO PELO

χ^2 . APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS EM PERCENTAGEM.

HOMENS 30/40

	Masc.	Fem.
Ativo(a)	27.78	0
Passivo	66.67	5.55
Corpo	7.14	92.86
x		
Mente	0	0
Rotina	100	0
x		
Renovação	0	0
Afetivo	20	80
x		
Sexual	0	0
Bonito	0	100
x		
Feio	0	0
B o m	5.55	0
x		
M a u	33.33	61.1
S Ó	0	0
x		
Acompanhado	100	0
Trab. Remunerado	71.43	0
x		
Trab.Dom. (N. Remun.)	0	28.57
Corajoso (a)	71.43	0
x		
Covarde	28.57	0
Desejante	100	0
x		
Sem desejos	0	0
Alquebrado(a)	71.11	22.22
x		
Vigoroso(a)	6.67	0
Forte x	60	40
Fraco	0	60
Realidade	11.11	0
x		
Fantasia	44.44	44.44
Pressa	60	0
x		
Calma	0	40
Meigo(a)	0	0
x		
Bruto	0	0
Receptivo(a)	33.33	0
x		
Penetrante	33.33	33.33
Protetor(a)	14.28	42.85
Protegido(a)	28.57	14.28

* Frequências observadas menores do que 5 nas quatro células;
Não foi considerado significativo.

HOMENS 70/80

	Masc.	Fem.
Corpo x	28.57	71.43
Mente	0	0
Bonito x	27.27	54.54
Feio	0	18.18
Bom x	0	16.67
Mau	0	83.33
Só x	21.43	14.28
Acompanhado (a)	64.28	0
Emocional x	22.22	64.45
Racional	8.23	0
Vaidoso (a) x	25	58.33
Sem Vaidade	16.67	0
Trab. Remunerado	46.66	6.67
Trab. doméstico	0	46.66
Falso (a)	25	62.5
Sincero (a)	12.5	0
Desejante	50	50
Sem desejos	0	0
Forte	5	80
Fraco (a)	5	10
Vital	0	60
Mortal	20	20
Realidade	22.22	0
Fantasia	66.67	11.11
Pressa	0	0
Calma	0	0
Meigo (a)	16.67	66.66
Bruto (a)	16.67	0
Receptivo (a)	10	60
Penetrante	30	0

**

**

**

** Frequências observadas menores ou iguais a cinco nas quatro células. Foi considerado de significância duvidosa.

MULHERES 70/80

%

	Masc.	Fem.
Santo(a)	0	15
X Malandro/Cortesã	45	40
Ativo(a)	13.41	21.95
Passivo(a)	0	64.64
Corpo	38.89	61.11
Mente	0	0
Bonito	50	25
Feio	25	0
B o m	0	0
M a u	100	0
Vaidoso(a)	33.34	66.66
Sem Vaidade	0	0
Trab. Remunerado	0	25
Trab.Domést. (ÑRemun.)	0	75
Do Lar	0	26.66
Da Rua	46.67	26.66
Falso(a)	70	0
Sincero(a)	0	30
Corajoso(a)	0	20
Covarde	30	50
Desejante	25.92	74.08
Sem Desejos	0	0
Forte	0	0
Fraco (a)	0	0
Realidade	0	0
Fantasia	0	100
Pressa	0	26.66
Calma	26.66	46.67
Dominador	51.61	0
Dominado (a)	16.13	32.26

* Frequências observadas nas quatro células, menores do que 5. Não foi considerado significativo.

** Frequências observadas nas quatro células, menores ou iguais a 5. Foi considerado de significância duvidosa.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

DADOS SIGNIFICATIVOS (% e χ^2) SOBRE A EVOLUÇÃO

HISTÓRICA DA IMAGEM DO HOMEM

χ^2	Categorias	30/40	70/80	
		Homens	homens	Mulheres
	Santo	3.77	5.66	0
	Malandro	30.19	43.40	16.98
	Ativo	11.90	10.71	13.09
	Passivo	28.58	35.71	0
	Corpo	23.08	46.15	53.85
	Mente	0	0	0
	Afetivo	4.88	17.07	4.88
	Sexual	0	48.78	24.39
6.58 (**)	Só	0	12.5	20.84
	Acompanhado	25	37.5	4.16
	Compromissado	16.13	16.13	9.68
	Descompromissado	12.90	12.90	32.26
	Trab. Remunerado	68.18	31.82	0
	Trab. Doméstico	0	0	0
	Do Lar	7.13	18.75	0
	Da Rua	12.5	43.75	21.87
	Falso	20	10	35
	Sincero	30	5	0
	Corajoso	27.77	38.88	0
	Covarde	11.11	5.55	16.66
6.11 (*)	Protetor	3.45	3.45	17.24
	Protegido	6.90	55.17	13.79
	Desejante	40	25	35
	Sem desejos	0	0	0
	Alquebrado	29.90	44.85	14.95
	Vigoroso	2.80	6.54	0.94
8.68 (*)	Dominador			
	Dominado			
14.33 (*)	Rebelde			
	Dominado			

(*) O χ^2 refere-se à comparação entre 3 células, com $gl = 2$ e $\alpha = 0,05$

(**) O χ^2 refere-se à comparação entre a 2a. e a 3a. célula, com $gl = 1$ e $\alpha = 0,05$

DADOS SIGNIFICATIVOS (% e χ^2) SOBRE A EVOLUÇÃO
HISTÓRICA DA IMAGEM FEMININA

χ^2	Categorias	30/40	70/80	
		Homens	Homens	Mulheres
23,68 (*)	Santa	49.37	6.32	3.79
	Cortesã	11.39	18.98	10.12
7,65 (*)	Compromissada	3.70	3.70	18.51
	Descompromissada	7.40	11.11	55.55
	Corpo	60	23.08	16.92
	Mente	0	0	0
	Bonita	71.87	18.75	3.13
	Feia	0	6.25	0
	B o a	0	5.89	0
	M ã	64.70	29.41	0
	Vaidosa	56.67	23.34	6.67
	Sem vaidade	13.34	0	0
	Falsa	66.67	18.51	0
	Sincera	3.70	0	11.12
	Desejante	0	20	80
	Sem Desejos	0	0	0
	Forte	4.54	72.72	0
	Fraca	9.09	9.09	4.54
	Vital	11.11	11.11	57.41
	Mortal	3.70	3.70	12.97
	Receptiva	0	11.11	63.64
	Penetrante	4.54	0	4.54
13,75 (*)	Rebelde	10.71	19.64	8.93
	Dominada	3.57	39.28	17.85
	Ativa	0	7.08	14.17
	Passiva	1.57	35.43	41.73
8,45 (***)	Afetiva	16.66	22.91	8.34
	Sexual	0	39.58	35.42
	Rotina	0	29.03	29.03
	Renovação	0	22.58	19.36
	Do Lar	13.51	51.61	12.90
	Da Rua	3.22	22.58	12.90
	Protetora	7.32	19.51	26.83
	Protegida	2.44	12.20	31.70
15,38 (**)	Dominadora	25.87	15.52	0
	Dominada	3.45	37.93	1.73
10,08 (***)	Alquebrada	10.75	21.51	33.34
	Vigorosa	0	25.81	8.61

(*) O χ^2 refere-se à comparação entre 3 células, com $gl = 2$ e $\alpha = 0,05$.

(**) O χ^2 refere-se à comparação entre a 1a. e a 2a. célula, com $gl = 1$ e $\alpha = 0,05$.

(***) O χ^2 refere-se à comparação entre a 2a. e a 3a. célula, com $gl = 1$ e $\alpha = 0,05$.

4.5 COMENTÁRIOS DOS RESULTADOS

- Santo(a) x Malandro - cortesã -

"Mas toda santa madrugada
Quando uma já sonhou com Deus
A outra triste namorada
Coitada já deitou com os seus."

(Chico Buarque - Umas e Outras.)

Roberto da Matta, em seu livro, "Carnavais, Malandros e Heróis", comenta a dicotomia existente em relação à posição da mulher na sociedade brasileira. Fala sobre a ofensa que representa, para a sociedade, a superposição destas imagens, devendo a mulher da vida sacrificar a maternidade, enquanto à virgem mãe é exigido o abandono da sexualidade.

Pode-se depreender, daí, que esta represente uma área de conflito no que se refere à assunção da feminilidade pela mulher atual, que pretenda exercer o direito de se experimentar como ser humano mais inteiro.

Como já foi visto no capítulo sobre a história da mulher no Brasil, as mulheres do século XIX eram tratadas como "bonecas ou crianças mimadas" e, na tentativa de elevar sua condição social, almejavam o status de anjos; apoiadas na sua posição de mães, buscavam uma equiparação à Virgem Maria, com quem compartilhavam as glórias e sofrimentos da maternidade. Assim, enquanto solteiras, as mulheres de classe alta eram santas pela pureza da virgindade e, depois de casadas, permaneciam santas pela graça da maternidade.

Esta imagem de santa, aparece ainda, um século depois, com muita força. No discurso dos homens de 30/40 encontram-se muitas referências a esta santidade. Ela é "deusa", "anjo de candura", "santa", "dádiva do céu". Este quadro se altera radicalmente em

70/80, com a falência deste conceito, tanto para os homens quanto para as mulheres. Se esta condição foi uma conquista das mulheres para melhoria de seu status, a utilização desta estratégia já não se faz necessária. Com as mudanças dos hábitos, o advento dos métodos anti-concepcionais, virgindade, para as classes mais altas, caiu em desuso. Com o acesso à aquisição de cultura e a conquista da independência econômica, a maternidade passou a ser vista, muitas vezes, como uma limitação à realização profissional da mulher. Desta forma, "santa", nem como virgem nem como mãe. Foram encontrados outros canais através dos quais tornou-se possível ser ouvida e respeitada.

Mesmo no século XIX, algumas mulheres tinham claro os prejuízos da cristalização desta imagem que, como foi dito, forjou a mulher como uma "figura passiva e gentil". Em função disto, depois de adquirido um certo prestígio como santas, passaram à tentativa de se desfazer do "andor", substituindo-o gradativamente pelas bandeiras da educação, independência econômica e auto-realização.

As mudanças sociais, contudo, se operam lentamente e às custas de trabalhos árduos, tanto externos - de militância política - quanto internos - intra-psíquicos, que no entender de Anais NIn, são os verdadeiros responsáveis pelas transformações. *"Acho que uma revolução duradoura só será possível através de transformações profundas em nós mesmas, que terão influência sobre a nossa vida coletiva"* (NIn, 1980: 32). Assim sendo, foram precisos mais de cem anos para derrubar esta imagem.

O homem, por sua vez, não aparece como santo em letras de nenhuma época. Talvez porque nunca tenha precisado lançar mão des-

te recurso, e sua imagem, descrita como "malandro", com atitudes pertinentes ao mundo da rua, se mantém mais ou menos inalterada ainda hoje. A mudança observada foi que, o homem aproximou a mulher, em sua linguagem - e conseqüentemente em sua compreensão -, de sua vida mundana. Trouxe-a para sua companhia, nas noites de boemia, permitindo-lhe sentar-se às mesas dos bares e beber de seu copo. Mas isto não é assim tão simples, visto que, a este homem ele se refere como "malandro", "vadio", "bandido" e outras palavras que traduzem esperteza e sagacidade. Já a esta mulher que não é santa, e que com ele se senta nas mesas dos bares, refere-se usando palavras bem pouco lisonjeiras, tais como: "perdida", "mais uma", "vulgar", "solta na vida", "filha da rua".

Aqueles atributos ligados ao homem, se não chegam a ser lisonjeiros pelo lado da definição do "bom moço" ou de "rapaz de família", recebem conotação positiva, visto que se referem ao que se entende por um "bom macho". E como transparece nas letras das canções de 30, 40, 70 ou 80, ainda agrada mais a idéia de ser visto como um bom macho do que como um bom moço. Já para as mulheres, parece ser ainda um pouco difícil não ser vista como uma boa moça, ainda que seja vista como uma boa fêmea.

A mulher contemporânea não parece ver no homem este protótipo do grande malandro, ao contrário, coloca-se nivelada a ele nesta categoria, embora se mantenha a diferença entre as conotações das palavras referidas ao tema, que continuam sendo valorativas para o homem e pejorativas para a mulher.

Em síntese, pode-se dizer que, nos anos 30/40, permanecia perfeitamente delineada esta divisão das mulheres em santas e cortesãs. Não havia outra possibilidade em termos de imagem femini-

na. Hoje em dia, a santa foi deposta e as mulheres puderam se aproximar dos homens e compartilhar deste outro mundo. Mas tudo isto ainda deve ser feito dentro de certos limites, sob pena de serem discriminadas e até mal vistas por este comportamento. É como se a santa tivesse descido aos infernos, ou para fazer a redenção dos pecadores, como acreditam algumas feministas que pedem a feminização da sociedade como forma de reparar os estragos sociais atribuídos ao homem, ou para finalmente serem corrompidas por eles, como creem aqueles que continuam, dentro de uma ótica maniqueísta, estabelecendo esta divisão entre a pureza e o pecado.

- Do lar x Da rua:

Roberto da Matta identifica a "casa" e a "rua" como dois domínios sociais básicos, que funcionam como poderosos instrumentos para compreensão da sociedade brasileira. As diferenças de significado expressas por um e por outro (casa-universo controlado, calma, calor, descanso, rotina, etc... e rua-imprevistos, acidentes, paixões movimento, novidade, trabalho) dão a idéia das diferenças entre os grupos sociais que frequentam um ou outro espaço.

Dentro desta divisão, a mulher tradicionalmente ocupava o espaço do lar, mas bem entendido:

"A virgem e a mãe ficam em casa, no local sagrado e seguro onde os homens têm o domínio das entradas e saídas. Mas a puta fica na "rua", nas "casas de tolerância", em locais onde o código da rua invade e penetra o local de moradia (Matta, 1980: 111).

Enquanto isto, cabia ao homem o mundo da rua. Utilizando-se a análise da língua portuguesa, feita por Eliane Leitão, pode-se ver com clareza esta separação:

mulher da rua = meretriz

mulher pública = meretriz

homem da rua = homem do povo

homem público = indivíduo que se consagra à vida pública

(Leitão, 1981: 31)

Observe-se que, o fato de pertencer ao mundo é dado, pelos significados, como algo que é valorativo para o homem e pejorativo para a mulher.

Na música popular brasileira de 30/40, a mulher era quem ficava "por trás da veneziana", nos dizeres de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, em "Suburbana", enquanto que o homem era quem seguia para a rua: "Abre a janela formosa mulher

E vem dizer adeus a quem te adora

Apesar de te amar como sempre amei

Na hora da orgia vou me embora"

(Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti)

Esta divisão estava de tal forma estabelecida, que não fazia parte das preocupações de 30/40, motivo que pode justificar o fato de os dados relativos a esta categoria não terem sido significativos para este período. Já em 70/80, os dados foram bastantes expressivos. Os homens acentuam muito este contraste: homens na rua e mulheres em casa. Esta incidência parece apontar para a existência de um conflito. O tema tornou-se importante, mostrando que se trata de uma área de mudança.

Quando se falou sobre a categoria "santo(a) x malandro-cortesã", foi dito que o homem havia aproximado a mulher de seu mun-

do boêmio, trazendo-a para sua companhia. Isto poderia em princípio parecer contraditório com o exposto no parágrafo anterior, porém, quando o homem marca e delimita esses dois espaços, povoando-os separadamente por sexos diferentes, não parece estar falando do seu desejo, mas, antes, denunciando um estado de coisas e procurando trazer a mulher para o seu mundo. Se em 30/40 tínhamos um clima onde a mulher era sempre quem ficava enquanto o homem partia, em 70/80 temos:

"Você, tem que saber que eu quero
 É correr mundo, correr perigo
 Eu quero é ir embora
 Eu quero dar o fora
 E quero que você venha comigo".

(Caetano Veloso - "você não entende nada")

Contudo, quando a mulher está sozinha na rua, é muitas vezes colocada em lugares intermediários, como "praia", "cinema", "calçada", que, no entender de Roberto da Matta, podem funcionar como extensões do espaço do lar. Quando está solta na rua, mais distante de casa e em locais menos protegidos, os termos de referência já se relacionam a algo que se aproxima de cortesã e que foi analisado quando se falou desta categoria.

- Trabalho Remunerado x Trabalho Doméstico (não-remunerado)

Esta definição de espaços delimitava também, de forma bem clara, a divisão do trabalho. Em 30/40, trabalho era assunto de homem e todo trabalho masculino era remunerado. A mulher associava-se o trabalho doméstico não-remunerado, e assim mesmo em proporção bem menor do que as referências ao trabalho do homem. O estudo realizado por Eliane Leitão oferece uma idéia bem pre-

cisa a este respeito. A autora observa que, para atacar o homem, no plano dos julgamentos morais, a língua dispõe de palavras de significados gerais, embora normalmente estejam situadas no campo semântico profissional ou do valor pessoal, enquanto que, à mulher, agride-se fazendo referência à sexualidade e, dificilmente, ao valor pessoal ou profissional.

Ex.: - "Não permitirei que meu filho se case com uma vagabunda" (= prostituta)

- "Não permitirei que minha filha se case com um vagabundo (homem que leva vida errante)"

(Leitão, 1981: 33)

Mostra, também, como o fato de se dizer de um homem que ele é "um profissional", denota algo que recomenda bem, enquanto que se a mesma palavra for usada para uma mulher, fulana é "uma profissional", denota que é uma prostituta. Observa-se, por aí, a ausência do ser profissional ligado à mulher: o serviço doméstico não era valorizado como trabalho, conforme demonstram os baixos índices de palavras, nas letras das canções de 30/40, associando mulher e trabalho; e o serviço externo era associado à prostituição.

Em 30/40 trabalho era, definitivamente, assunto de homem, e as tarefas domésticas consideradas, comparativamente, bastante inferiores. Tem-se, por exemplo, em plena vigência nos dias de hoje, os diferentes significados dos termos seguintes, em suas versões masculinas e femininas.

"governante - aquele que governa

governanta - mulher encarregada de administrar uma casa de outrem.

... quando o homem trabalha em serviços tipicamente femininos, é comum denominarmos a sua atividade por uma lexia diferente da

feminina.

Alguns exemplos típicos são:

Cozinheira - mestre cuca
 Aeromoça - comissário de bordo
 costureira - alfaiate
 governanta - mordomo

Observamos ainda que, quando há paralelismo entre as lexias denotativas de profissões, a atividade exercida pelo homem é mais valorizada. Vejamos os pares: costureiro /costureira, garçon/garçonete, cozinheiro/cozinheira, copeiro/copeira. (Id Ibid, 1981 : 71/72).

A expectativa do homem de 30/40 em relação ao trabalho da mulher era bem clara:

"Quero uma mulher
 Que saiba lavar e cozinhar
 E que de manhã cedo
 Me acorde na hora de trabalhar."

(Wilson Batista e Aroldo Lobo - Emília 1940)

Em 70/80 o homem fala:

"Não lhe quero em casa prisioneira
 Você, mulher você
 No fogão tesoura enceradeira
 Você mulher você"

(I. Lins e R. Monteiro "Você mulher você.")

O trabalho passa a ser visto, por ele, como atividade de ambos, conforme revela o nivelamento das proporções de palavras fazendo as ligações masculino trabalho e feminino - trabalho. Contudo, ainda permanece a mesma divisão Remunerado x Doméstico, observada em 30/40. A mulher contemporânea também se percebe como um ser vinculado ao serviço doméstico:

"De manhã cedo essa senhora se conforma
bota a mesa, tira o pó, lava a roupa, seca os olhos"

(Joyce e Ana Terra - Essa mulher)

Embora este acento possa ser entendido como forma de denúncia, o trabalho remunerado, contudo, ainda não encontra expressão em seu discurso, de onde se pode inferir que não se trata de uma atividade perfeitamente incorporada à sua vida, e que está longe de se equiparar ao peso das suas antigas tarefas ou do dinheiro na vida do homem.

Vale comentar que, se o homem já pode dar maior reconhecimento ao serviço doméstico, e eventualmente até incentivar a mulher em suas incursões no mercado de trabalho, a forma que se revela na letra de "você, mulher você", deixa clara a dificuldade na operação de mudanças estruturais. Percebe-se que, a libertação desta mulher fica sendo função do desejo do homem e aparece quase como uma "exigência: "Eu não lhe quero em casa prisioneira". Deixa transparecer um tom algo autoritário, de pai ralhando com filho: "Não lhe quero brincando com fogo", ranço de procedimentos arcaicos, profundamente enraizados na cultura patriarcal.

Aqui já se delineia o próximo passo a ser seguido nestes comentários: a categoria,

- Desejante x Sem desejos

A análise das letras de compositores masculinos revelou que o homem sempre se viu como um ser desejante, embora nem sempre possa se dizer que tenha tido a posse do seu desejo, na medida em que sofria pressões sociais, culturais e manipulações diversas. Observou-se que, em 30/40, ele não atribuía à mulher nenhum

tipo de desejo, fazendo dela um ser completamente amorfo, sem de-
sejos e sem uma fala própria.

Neste ponto, foi encontrada uma acentuada mudança: os ho-
mens de 70/80 já percebem a mulher como um ser igualmente dese-
jante. Já as mulheres falam de um desejo muito grande. Equivale-
ria dizer que, se os homens colocaram no passado que as mulheres
não tinham desejos, ou, pelo menos, se desconsideravam os seus
verdadeiros anseios, elas agora estão dizendo o quanto querem, e
por não terem podido querer, agora querem muito. A proporção de
palavras relativas ao desejo feminino aumentou de 0%, segundo a
visão dos homens de 30/40, para 50%, segundo os homens, de 70/80 ,
e 74,08% no entender das próprias mulheres.

Resta questionar este querer, este desejo feminino que apa-
rece muitas vezes como uma forma disfarçada de atender ao desejo
do homem, que poderia seguir sendo admitido o verdadeiro e único
desejo. Dentro desta linha tem-se:

"Se Deus quiser
Um dia eu quero ser índio"

(Rita Lee - Baila Comigo)

... mas só se Deus quiser, e Deus é encarnado na figura de um ho-
mem, permanecendo, assim, a subordinação do desejo feminino ao mas-
culino. Exemplificando ainda este aspecto de dissimulação do ver-
dadeiro desejo e passando já à análise de outra categoria (boni-
to(a) - feio(a)), pode ser citado:

"Deus lhe quer bonita a vida inteira
Você mulher você"

(J. Lins e R. Monteiro - Você mulher você)

- Bonito(a) x Feio(a)

A beleza tinha, nas décadas de 30/40, uma importância quase exclusiva para que uma mulher fosse admirada por um homem.

Este era, sem dúvida, um dos atributos mais cantados pelos homens desta época. As referências aos encantos femininos atingiram um dos índices mais elevados, comparando-se com as outras categorias estudadas. Era, a beleza feminina, responsável pela graça ou desgraça masculina. Colocavam-se como escravos ou ingênuas crianças, facilmente seduzíveis, diante do enorme poder que parecia exercer sobre eles, a beleza feminina. Em contrapartida, nas letras das músicas, não eram feitas referências à beleza masculina ou a aspectos anti-estéticos de ambos os sexos. Nota-se, aí, alguns vestígios da já comentada herança histórica da mulher como boneca.

Observa-se um enorme declínio deste foco na visão do homem de 70/80, declínio este que é ainda maior na concepção das mulheres desta época. Ao mesmo tempo, passou-se a reconhecer a existência de atributos estéticos no homem.

O que se pode dizer é que, hoje, a mulher considerada feia não está necessariamente condenada ao abandono, na medida em que já conquistou um status de ser, em oposição à situação de objeto, boneca, bibelô, etc... Outros atributos ganharam importância, descentralizando um pouco as atenções sobre a beleza. Contudo, esta continua a representar, como mostra o trabalho de Maria Francisca Thereza Pinto Ferreira, intitulado "A imagem da mulher de meia-idade nos meios de comunicação social", uma grande exigência sobre a mulher, que deve se manter jovem, bela e atualizada, para caber nos modelos de existência oferecido pelas revistas de

dicadas ao público feminino. A autora conclui que, "*a mulher de meia-idade inexistente como forma de expressão social*".

pois o que é apresentado como "padrão feminino ideal" "é antes uma casca bonita de mulher, que mulher realmente" (Id *ibid*).

Em "Deus lhe quer bonita a vida inteira", apesar de haver uma inegável preocupação em preservar a mulher, aparece também a presença desta exigência, esse fantasma da eterna juventude como importante referencial de valorização feminina." Enquanto a mulher se preocupa em descobrir o elixir da eterna juventude, o homem envelhece com dignidade. A ele é permitido cobrir-se de rugas, tornar-se careca e ter cabelos brancos (cf. cabelo branco em homem é charme, "... é dos carecas que elas gostam mais")." (Leitão, 1981: 25).

- Corpo x Mente

Na mesma linha estão os dados encontrados nesta categoria, onde o corpo da mulher concentra uma atenção somente compatível com a conceitualização de mulher objeto, enquanto que o corpo do homem era praticamente negado.

Homens e mulheres de 70/80 diminuíram essa importância do corpo feminino e passaram a se interessar relativamente por descobrir e revelar o corpo do homem.

- Emocional x Racional

Esta categoria não foi significativa para o ponto de vista desta pesquisa, talvez porque a música seja uma forma de expressão que, por seu caráter artístico, tenha o fator emocional

como preponderante sobre o racional. Desta forma, os elevados índices de emocional, contra os baixos índices de racional, não parecem expressar características dos papéis masculino e feminino, mas uma característica da própria música popular brasileira. Fenômeno semelhante parece ter acontecido na categoria "Corpo x mente", onde a ausência de referências ao mental pode ser associada à mesma razão.

- Vaidoso x Sem Vaidade:

Esta categoria mostra, em 30/40, uma mulher que era vista pelo homem como alguém extremamente voltada para o luxo, a futilidade e o supérfluo, contrapondo-se à auto percepção masculina que era compatível com um ser mais simples, voltado para o trabalho, conforme foi visto anteriormente. Estas categorias "ditas" femininas, eram tidas como negativas; veja-se como exemplo a conhecida letra de Mário Lago, sucesso do carnaval de 42: "Amélia não tinha a menor vaidade - Amélia é que era mulher de verdade". Isto aponta, em princípio, para uma contradição: a mulher valorizada deveria ser trabalhadora e sem vaidade, mas ao mesmo tempo foi visto como era incentivado o culto à beleza e como a futilidade encaixava-se muito bem com a figura da "bonequinha".

Nas décadas de 70/80, esta visão efetivamente mudou, observando-se um significativo declínio desta imagem da mulher vaidosa, ao mesmo tempo em que ela passou a ser vista também como um ser integrado ao trabalho (ainda que não remunerado). A referência à vaidade feminina era de 56,67% em 30/40, caindo para 23,34% na concepção dos homens de 70/80 e chegando a 6,67% segundo a percepção das mulheres contemporâneas.

Ocorre que, algumas características como beleza, corpo, vaidade, que sempre foram consideradas assuntos femininos, vêm passando também ao domínio do homem. No final dos anos 70, nos meios mais intelectualizados, aparece com bastante força o tema da bissexualidade humana, havendo um movimento, por parte destas pessoas, no sentido de recuperar este outro lado tão sufocado no homem, incorrendo, por vezes, em certa idealização do feminino, em função do fracasso da sociedade patriarcal.

Assim temos:

"Um dia
 Vivi a ilusão
 de que ser homem bastaria
 Que o mundo masculino
 tudo me daria
 Do que eu quisesse ter

 Que nada
 Minha porção mulher
 que até então se resguardava
 É a porção melhor
 que trago em mim agora
 E que me faz viver"

(Super-homem - a canção - Gil)

Tem sido bem marcante, na expressão dos compositores contemporâneos, a necessidade de falar sobre estas mudanças. Contam, de certa forma, o surgimento deste "homem sensível" - para utilizar a denominação de Anais Nin - que valoriza seu lado feminino e, conseqüentemente, a mulher, cantando não só os atributos "ditos" femininos considerados positivos, mas também, reconhecendo nelas, atributos positivos "ditos" masculinos, tais como, a cofagem e a força: "Quem é o guia ...

tão meiga e forte assim

Coragem, Coragem

(Coragem, mulher - I. Lins e V. Martins)

- Coragem x Covardia / Forte x Fraco(a)

Em 30/40, coragem e covardia diziam respeito somente aos homens, sendo que eles se consideravam mais corajosos que covardes, não havendo nenhuma referência desta categoria às mulheres. Em 70/80, a mulher já é incluída, tanto pelo homem quanto pelas mulheres, como alguém capaz de coragem e covardia, sendo que o homem ainda se coloca como o mais corajoso. Já as mulheres, não dão tanta importância à decantada valentia masculina.

Em 70/80, a mulher é muito citada pelos homens como um ser dotado de força, numa proporção de 80% para as mulheres e 5% para os homens, e os comentários são no sentido de desfazer essa imagem de fragilidade

"Dizem que a mulher é o sexo fraco
Mas que mentira absurda
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas"

(Sexo Fraco - Erasmo Carlos e Narinha)

ou então, nos dizeres de uma mulher:

"Sexo fraco
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher"

(Sexo Fraco - Rita Lee)

Esta visão da mulher como um ser forte, de quem o homem depende: "Quatro homens dependentes e carentes da força da mulher" (Sexo Fraco - Erasmo e Narinha), conduzem aos comentários sobre

os dados encontrados na categoria a ser analisada a seguir.

- Protetor e Protegido:

Para as décadas de 30/40, a frequência observada de palavras relativas ao tema foi muito pequena. Talvez isto indique , dentro do raciocínio que vem sendo desenvolvido aqui, a ausência de conflitos nesta área. Ou seja, as mulheres conservavam ainda muito das tais "bonecas" ou "crianças mimadas", não havendo dúvidas sobre o papel protetor masculino. Em 70/80, o homem se coloca muito no papel infantil e carente, fazendo da mulher o seu refúgio. Ele é o "menino vadio" que da noite pro dia não há de crescer , conforme os dizeres de Chico Buarque em "Sem Fantasia" , e ela ocupa a posição amadurecida de quem tem alguma coisa importante para ensinar.

"Hoje eu vim minha nega
Sem saber nada da vida
Querendo aprender contigo
A forma de se viver

(Paulinho da Viola - Coisas do mundo minha nega.)

As mulheres contemporâneas não falam sobre diferenças entre protetor e protegido. Ambos os sexos podem desempenhar alternadamente esses papéis. Quanto ao homem, parece ter se cansado da árdua tarefa que há muito lhe estava destinada e que o impedia de ter uma postura mais relaxada, com permissividade para viver seu lado mais infantil e carente de proteção. Assim, diante da primeira oportunidade não se fez de rogado. Tão logo lhe foi permitido, passou a dividir com a mulher os confortos desta posição.

- Alquebrado e Vigoroso:

Esse cansaço do homem aparece de forma acentuada nas letras das músicas. Em 30/40 o homem se coloca como um ser bastante infeliz em relação à mulher (71.11% contra 22.22% para as mulheres). Seria mais correto dizer que ele se experimentava como uma vítima nas mãos das mulheres que teriam feito dele um "sofredor", "pobre coitado", um "ébrio", "destruído"; elas seriam responsáveis pelo seu "sofrimento", "padecer", "desgraça". Este sentimento relaciona-se à imagem da mulher como mãe, falsa e dominadora, como será visto mais adiante. Os homens referiam-se, no mais das vezes, a sofrimentos amorosos relativos a traições e abandonos. Contudo, em alguns momentos, já davam mostra do cansaço pela posição de esteio financeiro para a família, como demonstra a letra da canção "Cai-xa Econômica" de Orestes Barbosa e Antônio Nássara:

"Meu avô morreu na luta
E meu pai, pobre coitado
Fatigou-se na labuta
Por isto eu nasci cansado
E prá falar com justiça
Eu declaro aos empregados
Ter em mim esta preguiça
Herança de antepassados."

Nas décadas de 70 e 80 o homem mostra-se ainda mais cansado. O que difere também é a natureza deste cansaço. Eles já não se colocam tanto como vítimas da mulher, mas falam de uma depressão, que aparece nas letras, mais referida à falência do machismo do que à maldade das mulheres. Usam expressões bastante significativas, tais como "príncipe suado", "príncipe cansado", "príncipe queimado", falam de suas "marcas", queixam-se de uma situação de despojamento onde ficaram "sem sorte", "sem dinheiro", "sem cama", "sem fim", "sem amor", "sem vontade", perderam "a sa

ciência". "... em português, hodiernamente, esse termo (macho) vem adquirindo outro sentido. Aquele que se diz macho é tido como otário, ridículo, babaca, bobão." (Leitão, 1981: 68).

O descontentamento das últimas gerações com os resultados da sociedade patriarcal, o peso das exigências e uma certa amargura aparecem claramente. Difere também de 30/40, o fato de que as mulheres apareceram, no ponto de vista masculino, como seres vigorosos, capazes até mesmo de ampará-los em suas desilusões com a vida. Elas são vistas como pessoas que estão "em paz", "remoçando", "cheia de vida", "refeita", que são felizes e têm "esperança". Ocorre que, as mulheres, quando falam através de suas letras, não têm a mesma opinião a respeito de suas vidas. Percebem-se como pessoas bem menos felizes e bem mais cansadas do que os homens parecem acreditar. Esta defasagem merece algumas considerações: Na década de 30/40, as mulheres estavam emudecidas, não podendo, portanto, falar de seus sofrimentos. O que aparece então é, somente, um homem infeliz. Nos dias de hoje, homens e mulheres falam de suas dificuldades, e cada um parece "puxar a brasa para a sua sardinha". Cada um, na verdade, está mais apto a falar de si, embora arrisquem louváveis tentativas de se aproximar e compreender a problemática do outro. A mulher não consegue alcançar, por exemplo, a compreensão do homem como um ser tão cansado quanto ele mesmo se vê. Cada um traz uma série de pré-conceitos que interferem nesta percepção. Se a mulher esteve sempre acostumada a ver no homem, um ser independente, auto suficiente, que deveria protegê-la e sustentá-la, se esteve sempre enquadrada na posição de filha, terá dificuldades em perceber, desde este lugar de criança, que este "pai" possa se cansar e não aguentar a sustentação do papel que lhe foi reservado. Por sua vez, os homens talvez superes-

timem o vigor feminino, baseado em certa perplexidade diante da força empreendida pelas mulheres e do relativo sucesso obtido na transformação de sua situação social. Não podem, por outro lado, apreender o cansaço advindo desta luta, e do acúmulo de funções que sobrecarregam, hoje, uma mulher dita "moderna"; estes fatores são, talvez, os responsáveis pelo elevado índice de palavras referidas à categoria alquebrada, usadas pelas mulheres em relação a si mesmas.

- Bom x Mau / Sincero x Falso

"Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher" (Pitágoras em Leitão, 1981: 69)

"A mulher e a galinha
São dois bichos interesseiros
A galinha pelo milho
E a mulher pelo dinheiro"

(Pé de anjo - Sinhô -1919)

Chama a atenção, o grande número de palavras usadas, pelos homens dos anos 30/40, colocando a mulher como má. Ela é "cruel", "sem clemência", "sem consciência", representa "maldição" e "desgraça", está cheia de "malícia" e instintos "perversos". Ao mesmo tempo, como se observa na categoria sincero(a) x falso(a), é vista como um ser interesseiro, enganador, capaz de toda sorte de trapanças para iludir o homem e aproveitar-se dele. São mostras desta imagem alguns trechos como os seguintes:

"Por que bebes tanto assim rapaz
Chega já é demais
Se é por causa de mulher é bom parar
Por que nenhuma delas sabe amar.

(É bom parar, Rubens Soares)

ou então:

"Você quer tirar o meu sossego
Me vendo morrer num emprego
Prá depois então gozar."

(Caixa Econômica - Orestes Barbosa e Antônio Nássara)

Estas imagens da mulher, tanto de falsa quanto de mãe, sofrem, na visão masculina, vertiginosos declínios nos anos 70, e são absolutamente desconsideradas pelas mulheres, para quem a frequência de palavras foi = 0.

Este quadro é coerente com o que foi visto na categoria alquebrado(a) x vigoroso(a). Na medida em que o homem deixa de se colocar como vítima, desaparece a imagem da mulher vitimadora.

No que se refere à imagem masculina, os dados encontrados não revelam aspectos significativos quanto a esses temas. "É interessante notar que não há homens maus (excessão feita na linguagem infantil), porém, é comum ouvirmos expressões como: *ela é ruim como uma víbora*." (Leitão, 1981: 39). As mulheres contemporâneas mencionam a maldade masculina e acentuam um pouco mais o aspecto da falsidade. Contudo, não há grande incidência de referências ao assunto. Observa-se certo conformismo e aceitação diante da histórica posição de malandro ocupada pelo homem e que, como foi visto, se mantém até os dias de hoje.

Importante observar que a falsidade masculina é mais referida, por homens e mulheres de qualquer época, a aspectos de traição amorosa, sendo, contudo, preservados os aspectos de lealdade entre os homens, onde o companheirismo aparece, assumindo destacado papel social:

"Será que tinha coragem
De trocar nossa amizade
por ela que já
lhe abandonou

(Se acaso você chegasse - Lupicínio Rodrigues e
Felisberto Martins)

E em versão mais atual

"Eu desejava um-trago
Garçon mais dois
Não sei quando eu lhe pago
Se vê depois
Estou desempregado
Amigo é prá essas coisas"

(Amigo é prá essas coisas - Aldir Blanc)

Já a falsidade feminina é vista como algo mais abrangente, atingindo mesmo o relacionamento das mulheres entre si: Graça, Melba e D. Conceição, personagens de "A primeira pedra", romance de Heloneida Studart que se passa no Nordeste Brasileiro dos anos 50, "*São mulheres marcadamente mesquinhas, traiçoeiras, com pouco senso de solidariedade, ignorando quase que por completo os preceitos de "fraternidade". (Bustamente, 1982: 77).*

A falta de solidariedade é vista por Maria Luisa Bustamante como decorrente da situação de dominação e não, como queriam alguns antigos estudiosos da personalidade, uma qualidade "tipicamente feminina". Outro exemplo desta realidade aparece, mais u ma vez, nos diferentes significados dos termos, quando se apresentam sob a forma masculina ou feminina

falador - aquele que fala muito

faladeira - maldizente (Leitão, 1981: 40)

Só x Acompanhado(a)

Como estava sendo dito, a solidariedade masculina é uma constante na letra das músicas. Eles estão sempre juntos, nas mesas dos bares, discutindo futebol, consolando-se mutuamente dos ferimentos causados pelas mulheres. Este quadro, que existe em 30/40, é ainda mais reforçado em 70/80, acrescido do fato de que, agora, eles contam também com as mulheres que são, como já se teve oportunidade de falar, percebidas como suficientemente vigorosas para ampará-los em seu momentos desditosos.

Já as mulheres estão, na maioria das vezes, solitárias. Assim são vistas pelos homens, e quando falam em suas letras, não se referem às suas amigas com outras mulheres como algo suficientemente forte, do ponto de vista social, que possa se equiparar ao significado das "turmas" e "amigos de fé", como no caso dos homens.

Desta forma, já não podem contar integralmente com o homem para acompanhá-las, visto que eles mesmos já se cansaram desta obrigação, e, por outro lado, elas ainda não dispõem de um aparato sólido de ajuda mútua, reconhecido socialmente, como no caso dos homens.

- Dominador(a) x Dominado(a) x Rebelde

Nas décadas de 30/40 observou-se a seguinte ordem de classificação quanto às percentagens: o homem aparece como o grande dominado, mas, também, logo em seguida, como o grande dominador. Em terceiro lugar está a mulher como dominadora e, por último, com dados absolutamente insignificantes, a mulher como dominada.

A ausência de mulheres dominadas e servis nas letras de antigamente, quando elas se encontravam efetivamente muito mais dentro de tal situação, parece ser um dado bastante surpreenden

te, sobre o qual podem ser tecidas algumas considerações:

1) Os homens se assumiam como dominadores mas não falavam em dominados. Isto parece refletir uma forma de negação, visto que, ficavam com as vantagens de quem domina, sem arcar com o peso e a responsabilidade de ter pessoas sob dominação.

2) O homem não conseguia ter uma visão mais integrada da mulher. Assim sendo, elas eram invisíveis em sua realidade, visíveis apenas enquanto objetos de desejo (encantos pessoais por ex.)

"os homens são onipresentes e as mulheres, muitas vezes, não são sequer percebidas" (Leitão, 1981: 25). A autora aponta em favor deste argumento uma série de regras de concordância gramatical onde sempre prevalece o masculino, tornando-se invisível o feminino

ex.: ele + ela = eles

Retomando-se a ordem de classificação citada no 1º parágrafo desta categoria, pode-se dizer que, nas letras das canções de 30/40, para um homem dominado, existe uma mulher que impera. Então, para eles, a atitude de dominação da mulher tem efeitos conhecidos e visíveis, quais sejam, homens submetidos. Já a dominação do homem não apresenta efeitos reconhecidos uma vez que o número de palavras usadas por eles, referindo-se à mulher dominada, é quase nulo; assim sendo, as mulheres submetidas são invisíveis a seus olhos.

Situando-se na posição de dominado, os homens falam em tom de queixa contra o que é percebido como uma certa exploração feminina. Referem-se freqüentemente ao fato de estarem sempre na obrigatoriedade de supri-las em suas necessidades materiais e de empregarem nisto um grande esforço.

Sentem-se exigidos a servi-las, ou por se colocarem como humanos diante de uma santa, a quem nada podem negar, ou por se sentirem "escravos" da sedução feminina, exercida pela impiedosa e poderosa mulher mundana. Em função disso, falam de seu cansaço e revolta:

"Todo cargo masculino
Seja grande ou pequenino
Hoje em dia é prá mulher.
E por causa dos palhaços
Ela esquece que tem braços
Nem cozinhar ela quer.

(Você vai se quiser - Noel Rosa - 1933)

Nas letras atuais de compositores masculinos, a mulher ocupa posição de destaque como ser dominado e servil (frequência absoluta - 22 palavras nas letras de 30/40 para 11 em 70/80).

Esta configuração não parece indicar um agravamento do servilismo feminino, mas revela uma consciência crítica dos homens sobre este exercício de poder e uma denúncia sobre a situação de dominação vivida pelas mulheres.

As mulheres, quando falam em suas letras, colocam o homem como dominador. Não tanto quanto os homens se viam no passado, e nem tão pouco quanto se vêem hoje. Em contrapartida, não se percebem absolutamente como dominadoras (frequência das palavras = 0), o que poderia ser entendido como ausência de reconhecimento de seu próprio poder, visto que, a mulher, com grande frequência, se descreve como um ser vitimado, sofrendo uma ação de outrem, não conseguindo reconhecer suas formas, ainda que subliminares, de exercer o poder.

Observe-se por exemplo o que diz o Grupo Ceres em "Espelho

de Vênus": - "A desvalorização cultural da mulher torna-a duplamente vítima. Por um lado, justifica a violência concreta e, por outro, leva-a a incorporar esta violência, enquanto parte de seu "destino" de submissão" (Ceres, 1981: 347). Na maioria dos relatos de mulheres, apresentados pelas autoras, o homem aparece como um ser violento e dominador, responsável pelos seus sofrimentos.

Assumir o papel de vítima não parece ser efetivamente útil. Ao contrário, é fragilizante, antidialético e pouco pode fazer pela libertação da mulher.

Anaís Nin comenta em seu texto "Observações sobre o feminismo":

"... afirmo que se nós assumirmos esta responsabilidade, em vez de rejeitá-la sobre os homens ou sobre a sociedade, nós nos sentiremos menos desamparadas. Desperdiçamos uma energia preciosa em revoltas negativas. Essa tomada de consciência pode conferir-nos um sentimento de poder sobre nossa sorte; assumir o próprio destino é mais enriquecedor do que deixar que os outros o façam por nós".

(Nin, 1980: 31)

Em "Espelho de Vênus" as autoras falam em "estratégias de sobrevivência", que seriam formas de conduta adotadas pelas mulheres para sobreviver às condições culturais adversas ao sexo feminino.

Assim, falam sobre a estratégia do desconhecimento e da passividade. Na primeira se define o fato de ser transmitido à mulher a necessidade de desconhecer. Ela deve ser ingênua e pura e o conhecimento aparece, por assim dizer, como algo que corrompe-

ria esta pureza, como acontece no mito de Adão e Eva, onde ambos são corrompidos por comerem o fruto da árvore do conhecimento.

"A mulher, desde pequena, sabe que deve desconhecer" (Ceres, 1981: 327). Se o saber é uma forma de exercício do poder, pela qual o sujeito traduz e se apropria do mundo, saber que não deve saber é também uma forma de apropriação condizente com a posição subordinada da mulher" (Id., ibd.). Na segunda se define a necessidade da mulher se colocar como um ser passivo e dócil, para facilitar o relacionamento com os homens.

Parece ser importante, neste momento, abordar o tema das formas de poder, já que se está falando das categorias dominador x dominado x rebelde. Os dados que foram encontrados sobre rebeldia revelam que, em 30/40, os homens reconheciam algum tipo de rebeldia nas mulheres. Contudo, as palavras de referência denotam uma rebeldia velada, disfarçada sob a aparência de infantilidade. São exemplos: "Pirraça", "implicância", "provocar".

Estes fatores de rebeldia atenuam um pouco a subserviência e o conformismo ligados à posição de dominado. Contudo, esta rebeldia precisava ser disfarçada, não podendo ser assumida. Assim parece ter sido, também, em relação ao poder feminino, que precisou sempre ser negado ou "desconhecido" pelas próprias mulheres. Insistir, porém, neste desconhecimento é atestar uma fragilidade que só pode dificultar o crescimento. Parece que o poder masculino é exercido de forma manifesta e o feminino subliminarmente, o que não deve ser, contudo, confundido com ausência de poder.

"Na sociedade patriarcal industrial judaico-cristã da década de 40, o lugar que ocuparam o homem e a mulher variava fundamentalmente, segundo se tratasse do espaço da fa-

mília, domínio da mulher ou do espaço do trabalho, domínio do homem. Ambos eram diferentemente poderosos em seu domínios. Ambos usavam e abusavam do poder em relação ao dominado, conforme o caso" (Pravas, 1981: 73).

Parece importante perceber que as estratégias de sobrevivência se fundam num poder implícito, dificilmente reconhecido como tal, que permite à mulher manipular o homem segundo suas próprias necessidades de sobreviver à dominação deste. Temos como exemplo o episódio transcrito em "Espelho de Vênus", onde "Cristina decide "representar" o papel de ingênua" (Ceres, 1981 : 318) em relação ao parceiro. Destacam-se também algumas letras de canções:

"Oi mulata assanhada

Que passa com graça

Fazendo pirraça

Fingindo inocente

Tirando o sessego da gente" ou ainda:

"E eu te farei as vontades

Direi meias verdades

Sempre à meia luz

E te farei vaidoso supor

Que és o maior

E que me possuis".

Mesmo como mulher da vida ela é, ao mesmo tempo, desvalorizada e poderosa. Observe-se o que diz Roberto da Matta ao falar da mulher que, ao exercer sua sexualidade, é vista como munda-na:

"Aqui a mulher não é controlada pelo homem. Ao contrário, ela é controladora e centro de uma rede de homens de todos os tipos, pois quem é a puta senão aquela mulher que coloca todos os homens em relação? ... um centro de poder comparativo e controlador da sexualidade masculina. Assim, como Virgem Mãe, a mulher abençoa e honra o seu lar. E como puta ela confere masculinidade aos homens" (Matta, 1980: 110/111).

Como se pode ver, em ambos os papéis existe um aspecto dominado e desvalorizado, mas também um outro investido por alguma forma de poder.

Rotina x Renovação

"Todo dia ela faz tudo sempre igual
 Me sacode às 6 horas da manhã
 Me sorri um sorriso pontual
 E me beija com a boca de hortelã".

(Cotidiano - Chico Buarque de Holanda)

A vida da mulher da década de 30/40, associada como estava ao trabalho doméstico e circunscrita ao espaço do lar, encerrava, em si, muito pouca novidade. As mudanças produzidas por um casamento ou pela chegada de um bebê eram rapidamente assimiladas e passavam, no espaço de alguns anos, a compor um cotidiano repetitivo e pouco criativo, uma vez que a repetição se apresenta como característica inerente ao serviço doméstico. Nestes afazeres tudo é feito para que, em seguida, se desfaça, e aqueles que deles se encarregam não podem apreciar por muito tempo o resultado do seu trabalho, uma vez que este é consumido quase que imediatamente. Quanto tempo dura um prato bonito e bem feito, uma cozinha arrumada ou um bebê limpinho? Esta rotina diária acabava por favorecer a configuração de pessoas empobrecidas, que dificilmente conseguiam escapar deste círculo vicioso e alcançar uma expressão maior de seu ser.

Já para o homem, cidadão do mundo, a vida reservava, em seu dia a dia, uma permanente abertura para o inesperado, característica do espaço da rua, repleto de estimulações variadas. Existia, é claro, para o trabalhador assalariado, uma rotina de vida, e as tarefas eram, sem dúvida, tanto menos criativas quanto mais desqualificadas. Contudo, o simples fato de romper as barreiras impostas pelos portões de casa, já proporcionava um acesso maior às transformações, o que finalmente poderia corroborar para a formação de pessoas mais afeitas a mudanças.

"Todo o dia ele faz diferente
 Não sei se ele volta da rua
 Não sei se me traz um presente
 Não sei se ele fica na sua".

(Sem açúcar - Chico Buarque de Holanda)

Os personagens deste quadro revelavam um tom de queixa em relação a essas diferenças, traduzidas em reclamações, por parte dos homens, pela monotonia feminina e, por parte das mulheres, pela insegurança que despertava o modo de vida masculino. Na medida em que a mulher começou a trabalhar fora de casa, esta situação, naturalmente, se alterou. O tema passa a ser citado pelos compositores contemporâneos de ambos os sexos. Contudo, os resultados não se revelaram bastante significativos, contrariando as hipóteses formuladas a este respeito. A discrepância se deve, talvez, ao fato de ter sido dada excessiva relevância ao tema, ou, então, a fatores estranhos ao conhecimento que se pôde obter.

Afetivo x Sexual

Conforme o esperado, observou-se entre 30/40 que a afetividade estava relacionada pelos homens de forma bastante desequilibrada: 80% ficava com as mulheres e 20% com eles. Este parece ser um clássico estereótipo feminino, ligado de alguma forma à imagem de santa e de mãe. Ao mesmo tempo, insistia-se em negar ao homem o direito de expressar mais livremente a sua afetividade.

Os homens de 70/80 já conseguem equilíbrio entre os sexos, uma vez que não houve diferença significativa entre o masculino e o feminino, no que concerne a este tema. O mesmo acontece em relação às compositoras contemporâneas. Este equilíbrio alcançado parece indicar uma mudança bastante positiva, no sentido de haver maior permissividade para que as pessoas, de ambos os sexos, pos-

sam exercer sua humanidade de forma mais inteira. É importante no tar que a sexualidade era absolutamente negada nas décadas de 30/40, sendo que, nos dias de hoje, se dá bastante ênfase a este aspecto.

Observa-se inclusive que, em 30/40 a colocação da mulher co mo objeto sexual não encontrava expressão dentro dos termos que mais especificamente se referem à sexualidade. Foi aparecendo de forma camuflada, através do excesso de referências ao corpo feminino, bem como do culto à beleza e à juventude. Atualmente ~~já~~ não são ne cessários subterfúgios. Diminuíram muito, como foi visto, as referências ao corpo e à beleza feminina e fala-se de forma mais ex plícita, além de crítica, sobre "esta mulher-objeto":

"Fui tua ... E daí
É uma pena que a moça não seja
De cama e mesa
Um bicho uma presa
Que depois de usada
Se guarda ou se joga
Na lata do lixo."

(Mulher e daí - Apenas mulher - Gonzaga Jr.).

Compromissado x Descompromissado

Em nenhum dos casos observados houve diferença significativa entre os homens e mulheres, quanto a esta questão. Isto surpreendeu, de certa forma, as expectativas, uma vez que o homem, como ser do mundo da rua, poderia estar mais livre, pelo menos quanto aos desejos:

"Você tem que saber que eu quero
É correr mundo, correr perigo".

(Você não entende nada - Caetano Veloso)

Ou mais prisioneiro, devido às responsabilidades financeiras.

Por outro lado, toda a mística existente em relação à felicidade associada a descompromisso (no caso dos homens) e a compromisso (no caso das mulheres), levou a crer que seriam encontrados dados de maior significação "... solteirona tem conotação depreciativa ... já o uso metafórico de solteirão tem conotações positivas." (Leitão, 1981: 58). "solteirão sugere liberdade, tanto sexual quanto econômica; solteirona lembra sanções sexuais, puritanismo, neurose, frustração etc..." (id. ibid.: 59)

Somente o aspecto da evolução histórica da imagem feminina revestiu-se de maior significado. Observou-se que o homem de hoje coloca a mulher como um ser mais livre do que o de ontem. Mais este é, sem dúvida, um conflito de maior expressão para a própria mulher. Os índices de palavras usadas por mulheres, referentes ao tema, é grande, perfazendo um total de 74,06%, em relação ao total de palavras empregadas sobre o assunto. Isto parece revelar que se trata de um tema importante para elas. Acrescenta-se o fato de que elas se colocam como pessoas mais descompromissadas (55,55%) do que compromissadas (18,51%). Estes dados talvez expressem um conflito bastante relevante para a mulher contemporânea. Acostumada, como sempre esteve, a depender dos compromissos, como filha, esposa e mãe, e vivendo hoje a possibilidade de se desprender, mostra sua ambivalência entre os atrativos de uma e de outra posição:

"Costura o fio da vida
Só prá poder voltar
Depois se larga na vida
Prá nunca mais voltar".

(Feminina - Joyce).

Vital x Mortal

A faculdade de gerar determina, no psiquismo feminino, uma especial conformação que lhe é própria, específica e particular. Esta potencialidade, atualizada ou não, tem um caráter demasiado forte, marcando, em função disto, determinadas peculiaridades que caracterizam o ser feminino. Não é função deste trabalho discutir estas características. Apenas observou-se que a temática vida ocupava um lugar bastante destacado no discurso da mulher. Palavras como calor, sangue, vida, brotar, semente, renascer, respirar etc..., são usadas por elas na proporção de 57,41% em relação ao total encontrado nesta categoria (incluindo homens de 30/40 e 70/80).

Acredita-se que esta ênfase tenha ligação com o potencial para gerar, que produziria nas mulheres uma especial atração para estes valores vitais.

Pelo mesmo motivo, possivelmente, os aspectos relativos à vida são mais associados à figura feminina, também pelos homens de 30/40 e de 70/80.

O antagonismo "mortal" foi usado aqui mais para acompanhar a linha geral de pares antitéticos que formaram as categorias, e não por haver chamado especial atenção. Muitos comentários poderiam ser tecidos a este respeito, mas, efetivamente, os resultados encontrados não chegaram a ser expressivos.

Pressa x Calma

Esta categoria, à semelhança da anterior, foi considerada a partir da observação do discurso feminino, não sendo, portanto, significativa para os homens. Acreditava-se possível encontrar, no discurso masculino, referências a estes temas, em tom de quei

xa ou revolta, em relação à "roda-viva", que lhes é imposta dentro da sociedade industrial, com esquema básico de assalariados, incluindo excesso de trabalho e baixa remuneração. Este tema foi tratado por eles na categoria que se convencionou chamar "dominado", voltando-se mais para os aspectos de exploração e menos para os fatores específicos que se tentou isolar aqui, sob o ângulo do corre-corre, falta de tempo, desejo de maior espaço livre para o lazer.

Esta preocupação foi observada, conforme se disse, no discurso da mulher contemporânea, revelando um desejo de escapar um pouco destas diretrizes traçadas pelo mundo masculino. Este conflito pode talvez se expressar com mais facilidade na mulher, uma vez que ela, pelo recente ingresso no mundo da rua, guarda ainda certas características mais artesanais, que se chocam com estas exigências de pressa e produção em massa.

Ativo x Passivo

Talvez nenhum outro tema tenha despertado tanta polêmica entre os interessados em compreender o masculino e o feminino quanto a questão da atividade e passividade. O assunto assumiu formas de "frente de luta", caindo no terreno das discussões emocionais que pouco podem contribuir para maiores esclarecimentos.

Os dados desta pesquisa mostraram que, em 30/40, o tema da passividade ou atividade feminina não tinha relevância, parecendo que os papéis estavam claros, não havendo conflitos neste sentido. Contudo, aquele homem se colocava como um ser passivo nas mãos das mulheres, o que novamente remete à posição de vítima, observada na categoria "dominado". Apesar disto, não reconhece a atividade fe-

minina, como se fosse possível haver vitimados sem vitimadores .

Para o homem de 70/80, ambos os sexos estão igualmente dotados de atividade e passividade, não havendo diferença significativa entre eles.

O surpreendente na análise desta categoria está no fato de que, as mulheres, embora tenham culpado os homens por colocá-las como seres passivos, quando fazem uso da palavra - o que em si já exprime uma forma ativa de ser no mundo - se colocam de maneira extremamente passiva (64,64% do total de palavras usadas por elas nesta categoria).

Este resultado vem corroborar a idéia de Anais Nin, acerca do inútil desgaste que representa recair no plano das acusações, responsabilizando o homem pelo "trágico" destino feminino. Mesmo que o homem fosse o responsável pelo destino feminino de passividade, somente a partir de uma discriminação em relação à posição masculina, a mulher poderia se aperceber de sua nova feição. Tal discriminação é ainda precária, pois a fala da mulher revela um posicionamento dentro de um lugar (passividade) que lhe foi apontado pelo homem e no qual ela mesma se inscreve. Isto se torna ainda mais curioso se considerarmos que, dentro dos limites desta pesquisa, o homem de 70/80 já não concebe a mulher como um ser passivo.

Receptivo x Penetrante

A tão discutida questão da passividade feminina teve, em Freud (conferência sobre feminilidade), um substrato orgânico como elemento introdutório de suas argumentações, associando passivo ao comportamento sexual de ser penetrada e, ainda, remetendo-se à própria fecundação, onde seria o óvulo quem receberia a cé-

lula masculina. Assim, ao movimento masculino de penetrar chamou-se atividade e, ao ato de receber, passividade. Freud sabia certamente que deveria relativizar os fatos e, portanto, não paralisa totalmente seu raciocínio, deixando uma abertura para a atividade feminina ao explicar que, quanto mais distante do biológico, menos estreita será tal relação. Quanto ao ponto-de-vista psicológico coloca que a mulher tem uma "preferência por fins passivos; preferência que, naturalmente, não equivale a passividade, uma vez que pode ser necessária uma grande atividade para conseguir um fim passivo" (Freud, 1973:3166):

Esta nomeação deu margem a uma série de polêmicas e discussões, tendo servido, entre outras coisas, como motivo para que o nome de Freud fosse ouvido como persona non grata entre os integrantes do movimento feminista.

Para evitar a utilização de nomes tão contaminados por significações de maior ou menor valorização cultural, utilizou-se aqui a denominação receptivo x penetrante, principalmente por se acreditar que não seja realmente possível estabelecer uma relação de necessidade entre receptivo e passivo. Por este motivo, as características de receptividade foram consideradas dentro de uma categoria à parte, independente da classificação ativo x passivo, apresentada anteriormente.

Homens e mulheres de 70/80 associam características de receptividade ao sexo feminino e consideram o sexo masculino mais penetrante. Observa-se, no discurso feminino, uma série de palavras que denotam uma maior disponibilidade para a continência e uma certa tendência a interioridades. São freqüentes palavras como: "tragar", "devorar", "reter", "conter em mim", "meu interior", "abrir a porta" etc.

No discurso masculino a mulher aparece como alguém que lhe oferece a casa: "a casa é sempre sua", que está sempre pronta a recebê-lo de volta; "abro meus braços prá você", enfim, alguém que tem um espaço interno para contê-lo e às suas coisas: "dentro do meu coração" , "minha barriga livre prá gerar teu filho" etc.

Acredita-se que os fatores biológicos - modelo sexual, assim como a possibilidade materna de receber o filho no ventre - interpretados pela cultura, inscrevam marcas no psiquismo de ambos os sexos, facilitando os comportamentos em questão e a formação das imagens apresentadas e percebidas.

Quanto à imagem do homem, os dados não se revelaram significativos. São referidos como pessoas que ocupam um espaço, mais do que alguém que tenha um espaço a ser preenchido. Porém, o número de palavras de referência é pequeno, não atingindo proporções mais expressivas.

Realidade x Fantasia / Meiguice x Brutalidade

Estas categorias não foram absolutamente significativas. Buscava-se sondar os estereótipos Realidade/Brutalidade, ligados ao homem, e Fantasia/Meiguice à mulher, mas nada foi encontrado neste sentido. No caso da categoria Realidade/Fantasia, não seria nem mesmo possível atribuir o ocorrido ao fato de se pensar que a música jogue somente com o terreno da fantasia, uma vez que a M.P.B. tem, muitas vezes, um comprometimento com a realidade social e política. O fato é que nenhuma destas referências achava-se particularmente associada a um sexo ou outro.

No caso de meigo e bruto o tema somente foi referido dentro do discurso feminino, e assim mesmo em proporções consideradas insignificantes.

Merecem ser refletidos, antes de concluir esses comentários, os motivos que determinaram a ausência de letras de música compostas por mulheres, nas décadas de 30/40. Ocorre que, naquela época, as mulheres não tinham ainda se apropriado de um discurso através do qual pudessem se constituir como seres humanos participantes. O que se observa é que, à semelhança da criança, as mulheres, enquanto não falavam, eram faladas por outras pessoas, no caso, os homens.

Observe-se por ex. que, até 1945, não podiam participar da vida política do país. Quando se tratava de definir os rumos da nação e tomar resoluções que afetariam o destino da população, apenas os homens (pelo menos na pessoa dos dirigentes) eram ouvidos, ou seja, a mulher não tinha ainda uma voz que pudesse ser significativa. Não tinham acesso à vida pública e estavam ainda em sua maioria, reclusas ao mundo doméstico. Por este motivo, se existiram mulheres compositoras, não chegaram a ter acesso aos meios de comunicação.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi motivado pela atual necessidade de compreensão e esclarecimento sobre o masculino e o feminino, no que diz respeito às suas formas de ser no mundo, considerando-se as permanentes transformações que veem sofrendo no decorrer do percurso histórico.

Teve ainda como interesse primordial o desejo de tratar o tema de forma menos passional e tendenciosa.

Esperava-se inicialmente realizar uma análise da estrutura dos discursos, focalizando as diferenças dialetais entre o homem e a mulher, bem como as alterações sofridas através do tempo. Com o desenrolar da pesquisa, optou-se pela alteração da forma de análise, mantendo-se constante o interesse do trabalho.

Fica, porém, em aberto, este caminho por ora abandonado, como possibilidade para o desenvolvimento de eventuais trabalhos que recaiam sobre o mesmo tema.

O presente estudo discorreu de forma bastante fluidificada sobre as diversas categorias que, reunidas, ajudam a compor um quadro que fala sobre as imagens de ambos os sexos, nos diferentes tempos.

Seria de grande valia, e até mesmo necessário, que se pudesse concentrar nas categorias mais significativas, derivando daí uma série de outras pesquisas que trariam resultados mais profundos e consistentes sobre cada categoria em particular. Esta tarefa ultrapassa em muito os limites deste trabalho, mas fica como sugestão a possíveis interessados.

Vale comentar que, apesar de terem sido compostas amostras de considerável grandeza (90 letras de música no total), a pesquisa contou com uma limitação na medida em que o próprio universo estava limitado, pela ausência de um acervo verdadeiramente abrangente, que estivesse o mais próximo possível do universo real.

De forma geral, acredita-se que este trabalho tenha cumprido suas propostas, oferecendo um quadro comparativo bastante amplo sobre discursos masculino, feminino e suas transformações.

Pretendeu-se também refletir criticamente sobre a situação do feminismo no Brasil, tentando evitar tropeços nos mesmos entraves que conduzem a recaídas na posição de vítima, retardando a transformação da condição feminina e o progresso do pensamento científico.

Vale ainda ressaltar a intensão implícita neste estudo de deixar a descoberto, através do pensamento da autora, uma perspectiva feminina de perceber e interpretar o problema.

A P Ê N D I C E

LISTA DAS MÚSICAS QUE CONSTITUÍRAM

A AMOSTRAGEM:

LETRAS DE HOMENS (30/40)

- 1) MAS QUEM TE DEU TUDO ISTO (NOEL ROSA - 1937)
- 2) PRÁ QUE MENTIR (NOEL ROSA - 1934)
- 3) O MAIOR CASTIGO QUE EU TE DOU (NOEL ROSA - 1934)
- 4) SÓ PODE SER VOCÊ (NOEL ROSA - 1935)
- 5) VAI PRÁ CASA DEPRESSA (NOEL ROSA - 1932)
- 6) A NOIVA DO CONDUTOR (NOEL ROSA - 1936)
- 7) NO TABULEIRO DA BAIANA (ARY BARROSO - gravado 1936)
- 8) MARIA (ARY BARROSO - 1932)
- 9) MORENA BOCA DE OURO (ARY BARROSO - 1941)
- 10) NA SUBIDA DO MORRO (MOREIRA DA SILVA E RIBEIRO DA CUNHA)
- 11) VINGANÇA (LUPICÍNIO RODRIGUES)
- 12) NÃO QUERO SABER MAIS DELA (SINHÔ - 1927)
- 13) GOSTO QUE ME ENROSCO (SINHÔ - 1928 - Sucesso Carnaval 1929)
- 14) MULATA ASSANHADA (ATAULFO ALVES - 1954)
- 15) AI QUE SAUDADE DA AMÉLIA (ATAULFO ALVES - MÁRIO LAGO - 1941/2)
- 16) A VOCÊ (ATAULFO ALVES e ALDO CABRAL - gravado em 1936)
- 17) R O S A (PINKINGUINHA - 1937)
- 18) LOURA OU MORENA (VINÍCIUS DE MORAES - 1932)
- 19) CAIXA ECONÔMICA (ORESTES BARBOSA e ANTONIO NÁSSARA - 1933)
- 20) A MULHER QUE FICOU NA TAÇA (ORESTES BARBOSA E FRANCISCO ALVES)
- 21) ARRANHA CÉU (ORESTES BARBOSA e SILVIO CALDAS)
- 22) SUBURBANA (ORESTES BARBOSA e SILVIO CALDAS)
- 23) QUANTOS BEIJOS (NOEL ROSA - 1936)
- 24) DAMA DE CABARÉ (NOEL ROSA - 1936)
- 25) VOCÊ VAI SE QUISER (NOEL ROSA - 1933)

- 26) E M Í L I A (WILSON BATISTA E AROLDO LOBO - 1940)
- 27) SE ACASO VOCÊ CHEGASSE (LUPICÍNIO RODRIGUES E FELISBERTO MARTINS)
- 28) MINHA HISTÓRIA (LUPICÍNIO RODRIGUES e RUBENS SANTOS)
- 29) MARIA ROSA (LUPICÍNIO RODRIGUES)
- 30) BANDIDO CORAÇÃO (LUPICÍNIO RODRIGUES)

LETRAS DE HOMENS (70/80)

- 1) COISAS DO MUNDO MINHA NETA (PAULINHO DA VIOLA)
- 2) SEXO FRACO (RITA LEE e ROBERTO DE CARVALHO)
- 3) OLHOS NOS OLHOS (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 4) VOCE VAI ME SEGUIR (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 5) SEM FANTASIA (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 6) ESSE CARA (CAETANO VELOSO)
- 7) COTIDIANO (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 8) SEM AÇÚCAR (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 9) COM AÇÚCAR E COM AFETO (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 10) MEU HOMEM (FRANCIS HIME e RUI GUERRA)
- 11) CARTA (FRANCIS HIME e RUI GUERRA)
- 12) TERESINHA (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 13) MÃO DE AFETO (I. LINS)
- 14) SOB MEDIDA (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 15) TÔ VOLTANDO (MAURÍCIO TAPAJÓS E PAULO CESAR PINHEIRO)
- 16) O CASAMENTO DOS PEQUENOS BURGUESES (CHICO BUARQUE DE HOLAN
DA)
- 17) ATRÁS DA PORTA (CHICO BUARQUE E FRANCIS HIME)
- 18) FOLHETIM (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 19) CADÊ (MILTON NASCIMENTO e RUI GUERRA)
- 20) MULHER e DAÍ (APENAS MULHER) (GONZAGA JR.)
- 21) ATREVIDA (I. LINS E VITOR MARTINS)
- 22) PONTOS DE INTERROGAÇÃO (GONZAGUINHA)
- 23) DEIXE A MENINA (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)
- 24) DINORAH, DINORAH (I.LINS E VITOR MARTINS)
- 25) VOCÊ NÃO ENTENDE NADA (CAETANO VELOSO e CHICO BUARQUE)
- 26) O MEU AMOR (CHICO BUARQUE DE HOLANDA)

- 27) VOCÊ MULHER VOCÊ (I. LINS e VITOR MARTINS)
- 28) CORAGEM, MULHER (I. LINS e VITOR MARTINS)
- 29) FEMININO CORAÇÃO DE DEUS (SÉRGIO SAMPAIO)
- 30) SEXO FRACO (NARINHA E ERASMO CARLOS)

LETRAS DE MULHERES (70/80)

- 1) DOCE VAMPIRO (RITA LEE)
- 2) BAILA COMIGO (RITA LEE)
- 3) BANDIDO CORAZON (RITA LEE)
- 4) CONDENADOS (FÁTIMA GUEDES)
- 5) OUTRA VEZ (ISOLDA)
- 6) FEMININA (JOYCE)
- 7) QUE ME VENHA ESSE HOMEM (TYGEL - BRUNA LOMBARDI)
- 8) DESCAMINHOS (JOANA E SARA BENCHIMOL)
- 9) CICATRIZES (JOANA E SONALGE BÖEKE)
- 10) REVIVER (JOANA, SARA BENCHIMOL, SOLANGE BÖEKE)
- 11) BALADA DA ARRASADA (ANGELA RO RO)
- 12) GOTA DE SANGUE (ANGELA RO RO)
- 13) AGITO E USO (ANGELA RO RO)
- 14) AMOR, MEU GRANDE AMOR (ANGELA RO RO E ANA TERRA)
- 15) ESSA MULHER (JOYCE E ANA TERRA)
- 16) PÉ SEM CABEÇA (DANILO CAYME E ANA TERRA)
- 17) DA COR BRASILEIRA (JOYCE E ANA TERRA)
- 18) CORAÇÃO APRISIONADO (LULI E LUCINHA)
- 19) ME DISSERAM (JOYCE)
- 20) MAIS QUE A TUA AUSÊNCIA (WANIA E SOLANGE BÖEKE)
- 21) RUÍNAS (FAFFY E SARA BENCHIMOL)
- 22) CONTRAGOSTO (ELIZA LEMOS)
- 23) TODO AMOR (MIUCHA)
- 24) VIAJANTE (TEREZA TINOCO.)
- 25) QUERO SIM (DARCY MANGUEIRA E LECI BRANDÃO)
- 26) AMOR OBJETO (ROBERTO DE CARVALHO E RITA LEE)
- 27) TUDO CERTO (ZÉ RENATO E ANA TERRA)

- 28) MISTÉRIOS (MAURÍCIO MAESTRO E JOYCE)
- 29) MOMENTOS (JOANA E SARAH BENCHIMOL)
- 30) BIBELÔ (JOANA E SARAH BENCHIMOL)

APRESENTAÇÃO DOS DADOS BRUTOS ENCONTRADOS
NA PESQUISA

LETRAS DE HOMENS

LETRAS DE MULHERES

Categorias	30/40		70/80		70/80	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Santo (a)	2	39	3	5	Ø	3
Cortesa	16	9	23	15	9	8
Malandro	10	Ø	9	9	11	18
Ativo (a)	24	2	30	45	Ø	53
Passivo (a)	3	39	6	15	7	11
Corpo	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
Mente	4	Ø	9	9	6	9
Rotina	Ø	Ø	1	7	3	6
Renovação	2	8	7	11	2	4
Afetivo	Ø	Ø	20	19	10	17
Sexual	Ø	23	3	6	2	1
Bonito	Ø	Ø	Ø	2	1	Ø
Feio	1	Ø	Ø	1	Ø	Ø
Bom	6	11	Ø	5	4	Ø
Mau	Ø	Ø	3	2	5	3
Só	6	Ø	9	Ø	1	4
Acompanhado (a)	5	1	5	1	3	5
Compromissado (a)	4	2	4	3	10	15

LETRAS DE MULHERES

LETRAS DE HOMENS

Categorias	30/40		70/80		70/80	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
	Alquebrado (a)	32	10	48	20	16
Vigoroso (a)	3	Ø	7	24	1	8
Forte	2	1	1	16	1	Ø
Fracó (a)	Ø	2	1	2	Ø	1
Vital	3	6	Ø	6	2	31
Mortal	8	2	2	2	2	7
Realidade	1	Ø	2	Ø	Ø	Ø
Fantasia	4	4	6	1	Ø	6
Pressa	2	Ø	Ø	Ø	Ø	4
Calma	Ø	1	1	Ø	4	7
Meigo (a)	Ø	Ø	1	4	7	2
Bruto	Ø	Ø	1	Ø	5	2
Receptivo (a)	1	Ø	1	6	3	14
Penetrante	1	1	3	Ø	3	1
Dominadora (a)	24	15	11	9	16	Ø
Dominado (a)	26	2	2	22	5	10
Rebelde	1	6	5	11	1	5

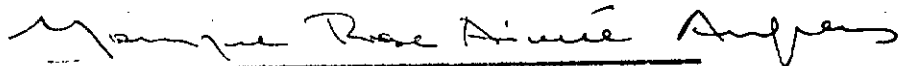
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1.) Almirante - "No tempo de Noel Rosa". Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977.
- 2) Ansart, Pierre. - "Ideologias Conflitos e Poder". Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- 3) Augras, M. - "O ser da compreensão: fenomenologia da situação de diagnóstico", Petrópolis, Vozes, 1978.
- 4) Augras, M. - "Um modelo para objetivação dos testes de relatos: dissertação de livre docência, Rio de Janeiro, PUC, 1974". Exemplar mimeografado."
- 5) Augras, M. - "Opinião Pública - Teoria e Pesquisa". Petrópolis, Vozes, 1978.
- 6) Bachelard, G. - "La formation de l'esprit scientifique , Paris, J. Vrin, 1970."
- 7) Beauvoir, S. - "O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980."
- 8) Benveniste, E. - "Problemas de linguística Geral, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976."
- 9) Cassirer, E. - "Filosofia de las formas simbólicas. México, Fondo de cultura económica, 1971."

- 10) Ceres Grupo - "Espelho de Venus: identidade social e sexual da mulher, S. Paulo, Brasiliense, 1981."
- 11) Chagas. F.C. - "Vivência: história, sexualidade e imagens femininas, S. Paulo, Brasiliense, 1980."
- 12) Crutchfield, K. e Ballackey - "O indivíduo na sociedade . São Paulo: Editora Universidade de S. Paulo, 1969"
- 13) Fanon, F. - "Os condenados da terra, Rio de Janeiro, Civilização, 1979."
- 14) Ferreira, M.F.T.P. - "A imagem da mulher de meia idade nos meios de comunicação social, dissertação de mestrado , FGV/ISOP/CPGP, Rio de Janeiro, exemplar mimeografado."
- 15) Freud, S. - "Feminilidade. IN: Edição Espanhola das Obras psicológicas completas de Freud. Madrid (Espanha): Biblioteca Nueva, 1973."
- 16) Guiraud, P. - "A estilística, São Paulo, Mestre Jou, 1970."
- 17) Hahner, J.E. - "A mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1978."
- 18) Hahner, J.E. - "A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937, S. Paulo, Brasiliense, 1980."
- 19) Holanda, A.B. - "Novo dicionário da língua portuguesa: Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975."

- 20) Leitão, E.V. - "A mulher na língua do povo. Rio de Janeiro: Achiamê, 1981."
- 21) Matta, R. - "Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980."
- 22) Mc David, J.W. e Harari, H. - "Psicologia e Comportamento Social. Rio de Janeiro: Interciência, 1980."
- 23) Nin, Anais - "Em busca de um homem sensível, São Paulo, Brasileiraense, 1980."
- 24) Pravas, Susana - "Três estilos de mulher: a doméstica, a sensual, a combativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981."
- 25) Sã, M.L. B.P. - "Mudanças na personalidade feminina como retratada em romances de escritoras brasileiras, do pós-guerra aos anos setenta: um estudo exploratório. Dissertação de mestrado, PUC/RJ, 1982, exemplar mimeografado.
- 26) Saussure, F. - "Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1977."
- 27) Tinhorão, J.R. - "Pequena história da música popular (da moda à canção de protesto). Petrópolis: Vozes, 1978."

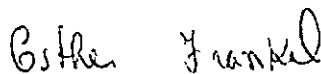
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da
PUC/RJ fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes pro-
fessores:



Monique Rose Aimee Augras

Orientador

PUC/RJ - Depto Psicologia



Esther Frankel

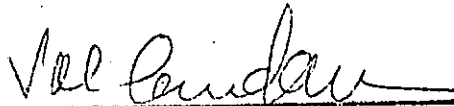
PUC/RJ Depto Psicologia



Ana Maria Ribeiro Coutinho

PUC/RJ Depto Psicologia

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 3/11/82



Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas